



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

“Antes do Sol Matar a Flor”:
Joaquim Antonio Alves Ribeiro, o Gabinete de História Natural e
a Ciência no Ceará (segunda metade do século XIX)

PORTO ALEGRE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

“Antes do Sol Matar a Flor”:
Joaquim Antonio Alves Ribeiro, o Gabinete de História Natural e
a Ciência no Ceará (segunda metade do século XIX)

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para obtenção
do título de Doutor em História

PORTO ALEGRE
2023

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

“Antes do Sol Matar a Flor”:
Joaquim Antonio Alves Ribeiro, o Gabinete de História Natural e a Ciência
no Ceará (segunda metade do século XIX)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História

Orientador: Prof. Dr. Temístocles Cezar

Data de aprovação: 27 de Abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Conceito Geral da Banca: aprovado sem necessidade de correções

Profa. Dra. Helena Miranda Mollo
Departamento de História
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Souza Neto
Departamento de Geografia
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Durval Muniz Albuquerque Júnior
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Igor Salomão Teixeira

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Arthur Lima de Avila

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Luziane Graciano Marti

CIP - Catalogação na Publicação

Vasconcelos, Eduardo Henrique Barbosa de
"Antes do Sol Matar a Flor": Joaquim Antonio Alves
Ribeiro, o Gabinete de História Natural e a Ciência no
Ceará (segunda metade do século XIX) / Eduardo
Henrique Barbosa de Vasconcelos. -- 2023.
240 f.
Orientador: Temístocles Cezar.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Século XIX. 2. Ceará/Brasil. 3. Joaquim Antonio
Alves Ribeiro. 4. Museu de História Natural. 5.
Historiografia da Ciência. I. Cezar, Temístocles,
orient. II. Título.

Para Minha Mãe e Meu Irmão
In Memoriam

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço ao meu orientador, Professor Temístocles César, pelo apoio, pelo estímulo e por sua compreensão. As ideias e os resultados presentes nesta tese só foram possíveis graças a liberdade de criação mediada pela exigência teórico-metodológica da sua orientação, de modo sempre muito ético e respeitoso. Ter sido seu orientado é motivo de enorme satisfação e privilégio.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, especialmente aos professores Arthur Ávila, Benito Schmidt, Fernando Nicolazzi, Helen Osório, Laura Ferrazza, Marina Araújo, Silvia Cope e Temístocles Cesar, por ministrarem as disciplinas que eu cursei e que suscitaram instigantes leituras, ótimos debates e aulas prazerosas.

Aos membros da banca de qualificação pela leitura crítica e sugestões: professores Cesar Augusto Barcelos Guazzelli, Manoel Fernandes de Souza Neto e Temístocles César. A banca final foi acrescida da participação da professora Helena Miranda Mollo e do professor Durval Albuquerque Muniz Júnior, a quem extendo os meus agradecimentos também.

Ainda na UFRGS, agradeço a companhia, as conversas e trocas que tive com os colegas de disciplinas, especialmente: Caio Pinheiro, Diego Sherer, Felipe Krüger, Kaliana Calixto, Lara Rocho, Maria Julia Montalvo, Marcos Nogueira, Mário Marcello, Nicoll Siqueira, Rafael Dall’Agnol, Raquel Endres, Rodrigo Fraga, Wellington Balem. Por último, mas não menos importante, Bruno Popkin e Marina Guimarães.

Por esclarecer algumas das minhas muitas dúvidas e auxiliar na indicação de documentos e registros históricos da Escola de Medicina de Harvard, sou grato a receptividade e a gentileza da professora e pesquisadora Nora Nercessian, e pelas informações prestadas agradeço Scott Podolsky, diretor do *Center for the History of Medicine*.

Durante a elaboração da tese tive a oportunidade de apresentar parcialmente as minhas ideias/pesquisas no Fórum de Teoria da História e História da Historiografia. Foram duas as oportunidades: a primeira na cidade de Natal, em dezembro de 2019 e a segunda, virtualmente em dezembro de 2021. Aos debatedores Rosilene Melo e Robson Potier no debate de 2019; e Isabella Dornelas e Paulo Ítalo Moreira no debate de 2021, agradeço a leitura dos textos e pelas sugestões. O agradecimento é extensivo a todas e todos que fazem parte do Fórum, que é um espaço profícuo de discursões e trocas.

Agradecido pelo interesse e apoio dos colegas pesquisadores Clovis Carvalho Brito e Ricardo Japiassu Simões.

Obrigado aos colegas pesquisadores de História da Ciência formado após o Seminário Nacional de História da Ciência ocorrido em Campina Grande – PB, em 2018, pela parceria e pelo entusiasmo nos estudos de história da ciência.

Aos amigos de Fortaleza, Glau, Keile, Renan, Ruben e Sérgio pela constante interação e apoio. E antes que eu me esqueça, Ruben, *Hier ist eine wissenschaftliche Forschung*.

Aproveito a oportunidade para expressar meus agradecimentos aos colegas Aruanã Passos, Assis Júnior, Bruno Balbino, Cristiane Arantes, Diego Fernandes Freire, Diego de Moraes [Mascate], Itamar Freitas, Luiz Bento, Maria Elia, Regia Agostinho, Renato Freire, pelos diálogos sempre profícuos.

Obrigado a CAPES pela concessão da bolsa.

Remercio os colegas do Curso de História do Campus Sudoeste da Universidade Estadual de Goiás que assumiram as minhas responsabilidades professorais durante minha licença para que eu pudesse me dedicar ao Doutorado.

Registro aqui um agradecimento especial para minha companheira e esposa Ana que nos últimos anos enfrentou com muita força e coragem sérias adversidades de saúde e, mesmo assim, nunca deixou de me apoiar, ler, ouvir e criticar as ideias que agora apresento nesta tese. Em um certo momento, durante o início da execução da tese, pensei que não conseguiria concluir o trabalho. Desistir era o meu desejo, mas foi você quem me fez pensar o contrário. Muito obrigado por sua companhia, por sua alegria e por me fazer uma pessoa melhor a cada dia. *I'm alive. Just by the light from of your eyes!*

Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Sem dinheiro no banco sem parentes importantes
E vindo do interior
Belchior - Apenas um Rapaz Latino-Americano

Under the sun
Under the sun
Under the sun
We are hiding under the sun
Viper - Under the Sun

Gefährlich ist wer Schmerzen kennt
vom Feuer das den Geist verbrennt
bäng bäng!
gefährlich das gebrannte Kind
mit Feuer das vom Leben trennt
ein heisser Schrei
bäng bäng
Feuer frei!
Rammstein - Feuer Frei!

E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me organizando posso desorganizar
Chico Science & Nação Zumbi - Da Lama ao Caos

One Art

by Elizabeth Bishop

The art of losing isn't hard to master;
so many things seem filled with the intent
to be lost that their loss is no disaster.

Lose something every day. Accept the fluster
of lost door keys, the hour badly spent.
The art of losing isn't hard to master.

Then practice losing farther, losing faster:
places, and names, and where it was you meant
to travel. None of these will bring disaster.

I lost my mother's watch. And look! my last, or
next-to-last, of three loved houses went.
The art of losing isn't hard to master.

I lost two cities, lovely ones. And, vaster,
some realms I owned, two rivers, a continent.
I miss them, but it wasn't a disaster.

—Even losing you (the joking voice, a gesture
I love) I shan't have lied. It's evident
the art of losing's not too hard to master
though it may look like (*Write* it!) like disaster.

**Elizabeth Bishop, "One Art" from *The Complete Poems 1926-1979*.
(London: Chatto and Windus, 1983)**

RESUMO

“Antes do sol matar a flor”: Joaquim Antonio Alves Ribeiro, o Museu de História Natural e a ciência no Ceará (segunda metade do século XIX)

Autor: Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

Orientador: Temístocles Cezar

Joaquim Antonio Alves Ribeiro, nascido em 1830, na cidade de Icó, no interior sul do Ceará, e falecido em 1875 na cidade de Fortaleza, capital do estado; formou-se em medicina pela Escola de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos, em 1853; voltou ao Ceará após a conclusão do curso e foi contratado pelo governo provincial para ser o médico da Santa Casa de Misericórdia. Concomitantemente às suas atividades médico-profissionais, constituiu uma coleção pessoal de objetos de história natural, inicialmente para estudos próprios. Doadas, posteriormente, à Província do Ceará, as peças por ele coletadas serviram de base para a criação do Gabinete de História Natural – ou Museu Cearense de História Natural, no início dos anos de 1870 –, o primeiro museu do Ceará. Ainda em Fortaleza, editou o periódico médico-científico *A Lancêta*, o primeiro do gênero na Província. Além disso, entre outras, participou como representante oficial da comissão brasileira que representou o país na Exposição Universal de 1873, na Áustria; realizou estudos sobre a qualidade das águas do açude Pajeú; coletou plantas, animais e minerais para suas pesquisas; trocou correspondência com instituições científicas, jornais e intelectuais dentro e fora do Brasil; importou equipamentos e técnicas em voga no Estados Unidos e na Europa para aplicá-las no Ceará. Mesmo com a extensa lista de realizações o Dr. Alves Ribeiro e suas atividades científicas continuam sendo praticamente desconhecidas dentro e fora do Ceará. O que explica o silêncio histórico sobre suas práticas científicas? Por que seu nome não consta nem no “rol dos homens célebres” da historiografia mais tradicional acerca do Ceará? Nesta tese respondemos as interrogações ao indicar que a obliteração ocorre em virtude dos enfoques restritivos dos historiadores que privilegiam metanarrativas como a seca, o cangaço, o mandonismo e o messianismo como aspectos totalizantes da história cearense. As ações realizadas pelo Dr. Alves Ribeiro na segunda metade do século XIX, a não serem contadas como objetos interpretativos da historiografia, possibilita-nos desestabilizar as escolhas teórico-metodológicas – mas também políticas – dessa historiografia, ao mesmo tempo em que permite mostrar aos leitores que outras histórias são possíveis.

Palavras-chave: Século XIX; Ceará, Joaquim Antonio Alves Ribeiro; Museu de História Natural; Historiografia da Ciência

ABSTRACT

“Before the sun kills the flower”: Joaquim Antonio Alves Ribeiro, the museum of natural history and science in Ceará (second half of the 19th century)

PhD Candidate: Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos
Doctoral Advisor: Themístocles Cezar

Joaquim Antonio Alves Ribeiro, born in 1830, in the city of Icó, in the interior of southern Ceará, and died in 1875 in the city of Fortaleza, capital of the state; graduated in medicine from the Harvard Medical School, in the United States, in 1853; he returned to Ceará after completing the course and was hired by the provincial government to be the doctor at the Santa Casa de Misericórdia. Concomitantly with his medical-professional activities, he built up a personal collection of natural history objects, initially for his own studies. Subsequently donated to the Province of Ceará, the pieces he collected served as the basis for the creation of the Natural History Cabinet – or Museu Cearense de História Natural, in the early 1870s –, the first museum in Ceará. Still in Fortaleza, he edited the medical-scientific periodical *A Lancêta*, the first of its kind in the Province. In addition, among others, he participated as an official representative of the Brazilian commission that represented the country at the Universal Exhibition of 1873, in Austria; he carried out studies on the quality of the water in the Pajeú dam; he collected plants, animals, and minerals for his research; exchanged correspondence with scientific institutions, newspapers and intellectuals inside and outside Brazil; imported equipment and techniques in vogue in the United States and Europe to apply them in Ceará. Even with the extensive list of accomplishments, Dr. Alves Ribeiro and his scientific activities remain practically unknown inside and outside Ceará. What explains the historical silence about their scientific practices? Why is his name not even on the “list of famous men” in the most traditional historiography about Ceará? In this thesis, we answer the questions by indicating that obliteration occurs due to the restrictive approaches of historians who privilege metanarratives such as drought, *cangaço*, mandonism and messianism as totalizing aspects of Ceará's history. The actions taken by Dr. Alves Ribeiro in the second half of the 19th century, if not counted as interpretive objects of historiography, allows us to destabilize the theoretical-methodological – but also political – choices of this historiography, at the same time that it allows showing readers that other histories are possible.

Keywords: 19th century; Ceará; Joaquim Antonio Alves Ribeiro; Natural History Museum; Historiography of Science

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Aphanizomenon flos-aquae (tipo de cianobactéria de água salobra e doce)
ASL	Anthropological Society of London
BSNH	The Boston Society of Natural History
CCE	Comissão Científica de Exploração
CJGPFPC	Catálogo dos Jornaes de Grande Pequeno Formato Publicados em Ceará
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
EPU	Editora Pedagógica Universitária
ESL	Ethonological Society of London
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IAHGP	Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano
IHGA	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
IHGAC	Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará
IHGB	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
JAI	Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland
JASL	Journal of the Anthropological Society of London
M.D.	Doutor em Medicina (abreviado M.D., do latim Medicinae Doctor)
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
PBSNH	Proceedings of the Boston Society of Natural History
PRM	Pitt Rivers Museum
PUC/Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAC	Revista da Academia Cearense de Letras
SAIN	Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional
SNHC	Simpósio Nacional de História da Ciência e Tecnologia
TLG	The London Gazette
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UniRio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – O Besouro, Rio de Janeiro, ano I, n.16, sábado, 20 de Jul. 1878, capa.
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Imagem 2 – Secca de 1877-78. Autor: Corrêa, J. A. Ano: 1877-1878. Descrição: papel albuminado, pb 9 x 6. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Imagem 3 – Secca de 1877-78. Autor: Corrêa, J. A. Ano: 1877-1878. Descrição: papel albuminado, pb 9 x 6. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Imagem 4 – Localização da cidade de Icó no mapa atual do Ceará. Fonte: Wikipedia <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ic%C3%B3>> Consulta realizada em 30/03/2021

Imagens 5, 6, 7, 8, 9 e 10 – Relação de Objetos do Gabinete ou Museu de História Natural. In: PEREIRA, João Baptista (Editor). ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873. Fortaleza. 1873.

Imagem 11 – Exercício de reconstituição cartografia das áreas consolidadas, 1850. Autora: Margarida Andrade, Mapa Base: Planta da cidade de Fortaleza – Antônio Simões Ferreira de Faria em 1850/desenhada em escala reduzida por F.B. Oliveira em 1883. In: ANDRADE, Margarida Julia Farias de Salles. *Fortaleza em Perspectiva Histórica: poder público e iniciativa na apropriação e produção material da cidade (1810-1933)*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

Imagem 12 – Folha de Rosto. RIBEIRO, Joaquim Atonio Alves. Manual da Parteira ou Pequena Compilação de Conselhos na Arte de Partejar Escrita em Linguagem Familiar. F. A. Brockhaus Verlag: Ceará, Brazil/ Leipzig, Königreich Sachsen. 1861.

Imagem 13 – Sirva de Prólogo. RIBEIRO, Joaquim Atonio Alves. Manual da Parteira ou Pequena Compilação de Conselhos na Arte de Partejar Escrita em Linguagem Familiar: Ceará, BR/ Leipzig, Königreich Sachsen: F. A. Brockhaus Verlag, 1861.

Imagem 14 – Dedicatória. RIBEIRO, Joaquim Atonio Alves. Manual da Parteira ou Pequena Compilação de Conselhos na Arte de Partejar Escrita em Linguagem Familiar. Ceará, BR/ Leipzig, Königreich Sachsen: F. A. Brockhaus Verlag, 1861.

Imagem 15 – Coluna de registro de correspondências recebidas em The Lancet, publicada no final de abril de 1858. Fonte: The Lancet. Vol. 71. No. 1808. p. 428. Published: April 24, 1858.

Imagem 16 – Coluna de registro de correspondências recebidas em The Lancet, publicada na primeira metade de dezembro de 1858. Fonte: The Lancet. Vol. 72. No. 1841. p. 624. Published: December 11, 1858.

Imagem 17 – A Lancêta: Jornal de Medicina, Physiologia, Cirurgia, Chimica, Pharmacia, Litteratura e Noticioso (CE) – 1863. 25/03/1863. n. 5. Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1. Uma História Interposta.....	27
1.1 História do Ceará: o que os historiadores explicam.....	30
1.2 História e meio ambiente do Ceará: a natureza da explicação.....	40
1.3 História da ciência no Ceará: o que os historiadores pesquisam.....	42
1.4 Uma historiografia da ciência no Brasil.....	47
1.5 Imagens permanentes de uma realidade constante.....	57
2. Trajetórias <i>sui generis</i>: uma família, dois primos e muitos objetos..	74
2.1. Nótulas e nada mais.....	75
2.2. Aprender na América: experiências distintas.....	92
2.3. O museu e o seu criador: informações sobre o homem e sua obra.....	102
2.4. O Gabinete de História Natural.....	105
3. As atividades científicas desenvolvidas pelo Dr. Alves Ribeiro.....	117
3.1. The Boston Society of Natural History.....	117
3.2. Parecer sobre as águas do açude Pajeú	123
3.3. O Manual da Parteira.....	131
3.4. A Lancêta.....	140
3.5. O “Isensibilizador” ou o debate sobre Anestesia na Gazeta Médica da Bahia.....	147
4. Perpassando o Ceará: homens e ideias em circulação.....	157
4.1. Tudo anotado: índios, pedras e o machado.....	159
4.2. Os “canibais” estão soltos.....	163
4.3. Canibais no Norte, canibais no Ceará: os canibais estão em “todo lugar”	168
4.4. À Procura de Whitfield.....	176

5. “Todo Mundo vai Ver”: os museus brasileiros nas Exposições Universais de 1873 e 1876.....	183
5.1. Local, nacional: museus em exibição.....	184
5.2. Museus enunciados.....	187
5.3. Figurar e colecionar.....	192
5.4. Apanágio científico.....	196
5.5. Remate momentâneo.....	199
CONCLUSÃO.....	201
REFERÊNCIAS.....	210

INTRODUÇÃO

Na primeira década do século XIX, Georg Wilhelm Fridrich Hegel indagava sobre qual deveria ser a origem da ciência. Para ele, esse “começo não é o nada puro, senão um nada do qual tem que resultar algo; logo, também o ser está já contido no começo”. Como desdobramento desse raciocínio tem-se que: “O começo contém, conseqüentemente ambos: o ser e o nada; é a unidade do ser e o nada; ou seja, é um não-ser que ao mesmo tempo é ser, é um ser que ao mesmo tempo é não ser”.¹ Não obstante o embaraço aparente que o excerto possa suscitar, é importante guardar que o ‘ser’ e o ‘nada’, ou o ser e o ‘não-ser’ constituem aspectos centrais do pensamento hegeliano que, para seguir com o desenvolvimento do seu pensamento, lançou mão da *dialética* como uma ferramenta cognitiva adequada para explicar os homens no mundo e o mundo dos homens.

O filósofo como senhor do pensamento, usufrui da vantagem de criar, recriar, desfazer ou até mesmo suspender suas explicações – isto é, seu próprio mundo. Todavia, para os “reles mortais”, que estão no mundo sublunar das ciências humanas, muitas vezes esses debates não se efetivam e o princípio filosófico mais aceito, consciente ou inconscientemente, é a pragmática. As perguntas e as respostas são reduzidas a aspectos dicotômicos: existência ou inexistência, certo ou errado, bom ou mau.

Diferentemente do conhecimento filosófico, a história, enquanto ciência, desde a sua institucionalização no início do século XIX europeu, enfrenta a difícil questão “do que não é mais”. Para muitos, desde o século XIX até os dias atuais, a resolução desse problema é fácil, cabendo aos historiadores enfocarem “o que realmente aconteceu” e escrever a “grandiosa história dos homens na terra”. O pragmatismo empírico na história, ao solucionar algumas questões, acaba suscitando outras: quem determina o que é o

¹ SERRA, Alice Mara. Sobre o Fundamento na Filosofia da História de Hegel: Uma leitura do Capítulo “Força e Entendimento; Fenômeno e Mundo Supra-Sensível”. In: DONATELLI, Marisa & MENEZES, Edmilson (Org.). **Modernidade e a Idéia de História**. Ihéus: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003. p. 131. Nota de rodapé n. 6.

acontecimento histórico? Como as explicações históricas são construídas? Uma vez construídas, as explicações podem mudar? Qual o papel da contingência na história?

Observadas as devidas especificidades, as interrogações acima perpassam e mobilizam a pesquisa desenvolvida nesta tese, que propõe pensar historicamente como a ciência e história das ciências foram - e ainda são - pensadas discursivamente dentro da tradição historiográfica cearense, mas não só. A pesquisa toma como referência empírica a história do Museu de História Natural do Ceará – primeiro museu criado na Província, na segunda metade do século XIX, vindo a se tornar, posteriormente, Gabinete de História Natural do Ceará. Acrescente-se que esse museu, independentemente da nomenclatura assumida, permanece até os dias atuais como um quase desconhecido dos historiadores e do público em geral.

O Ceará, tanto no presente quanto no passado, é tradicionalmente identificado como o local por excelência “da seca, do cangaço, do messianismo e do mandonismo” - sendo, por corolário, - *locus* também do vazio e da ausência, já que, dada a hegemonia dos *lugares-comuns* mencionados, nada mais pode haver de relevante. Nesse sentido, seria inapropriado admitir a ciência como parte constituinte desses *topoi*. A ciência só seria admissível, nessa realidade, mediante importação do saber científico e de práticas advindas de grandes centros internacionais ou nacionais, chanceladas, em vista disso, por uma externalidade definidora. No primeiro caso, se difundida de França ou Inglaterra – desde a formação da ciência moderna, no século XVII –, Alemanha ou Estados Unidos – nos séculos XIX e XX, respectivamente. No segundo caso, se advinda de centros nacionais: Rio de Janeiro, no século XIX, e São Paulo, no século XX. Entretanto, esses dois níveis explicativos compartilham um entendimento em comum: no Ceará - e por extensão - no Nordeste, não poderia haver produção científica endógena.

Nesta tese procuramos demonstrar que tal constatação não sobrevive a uma crítica teórica e historicamente atenta, dado que para sustentar as imagens que são hoje *lugares-comuns* da historiografia – o Ceará como sinônimo de pobreza, emigração, incapacidade –, a historiografia da ciência e a historiografia cearense, de modo geral, optaram por deixar de fora elementos dissonantes do discurso hegemônico. Segundo Karl Popper, o nome desse procedimento é *indução*, e opera pela metodologia indutivista que prioriza a experiência como determinante último. O problema, como afirma Popper, é que o método indutivo parte de uma série de enunciados particulares para logo depois estabelecer um

enunciado universal.² No caso específico do argumento desta tese, mostramos que os historiadores, e o público em geral, buscaram encontrar atividades científicas ao longo do século XIX apenas nos moldes existentes nos grandes centros, o que os fazia permanecer cegos aos empreendimentos existentes em regiões diversas, cujas empreitadas científicas e culturais destoavam do modelo “oficial”. Assim, não conseguiram enxergar ciência em funcionamento no Piauí, no Rio Grande do Norte, em Sergipe, ou em Alagoas durante o século XIX.

Todos esses locais fazem parte do que historicamente passamos a chamar, desde as primeiras décadas do século XX, de Nordeste brasileiro; e como neles não se havia “encontrado” nenhuma ação científica, de acordo com os critérios hegemônicos por muitos pesquisadores, logo passou-se a afirmar que não havia existido ciência no Nordeste. Como o Ceará faz parte do Nordeste, dentro do raciocínio apresentado, também não poderia acolher práticas científicas. Todavia, a lógica indutivista, que procura no particular a recorrência do geral, apresenta um grande flanco, podendo ser questionada pela constatação empírica de aspectos que não tenham sido considerados anteriormente, no “modelo”³.

A lógica indutiva pode ser observada em pleno funcionamento quando focalizamos os estudos brasileiros sobre história das ciências que se debruçam, de forma exacerbada, sobre as instituições, enquanto objetos de pesquisa. Juntamente ao *topos* da “ausência científica” tradicionalmente atribuído ao Ceará e a todos os estados da região Nordeste, vemos operar outro, o do Estado – e seus congêneres – como único agente histórico capaz de encaminhar práticas científicas. Logo, sujeitos individuais dificilmente seriam contados entre agentes produtores de ciência ou de algo nesse sentido que merecesse a atenção de “pesquisadores sérios”.

Com o propósito de enfrentar os pressupostos dessa historiografia, a tese aqui desenvolvida objetiva, em um primeiro movimento, oferecer uma apresentação do objeto de pesquisa que lhe constitui, enfatizando questões teóricas e historiográficas que este objeto permite interrogar e desestabilizar. Nesse sentido, abordamos um conjunto temático amplo e variado que, no entanto, se conecta a partir da hipótese central da presente tese: houve um pensamento e uma prática científica no Ceará na segunda metade do século XIX que, embora relevantes, foram eclipsados por entrar em rota de colisão

² Popper, Karl Raimund. *The Logic of Scientific Discovery*. 2nd ed. London and New York: Routledge. [1935] 2002.

³ *Idem.*

com os interesses e com os projetos políticos e intelectuais estabelecidos pelas elites locais e nacionais como a única representação factível do Ceará que perdura até hoje.

No primeiro capítulo, nos debruçamos sobre a produção historiográfica acerca da história do Ceará, da história das ciências no Ceará, da história das ciências no Brasil e das primeiras representações da seca no Ceará atuantes até os dias atuais. No segundo capítulo, apresentamos um levantamento dos autores e de suas respectivas pesquisas que mencionaram as atividades desenvolvidas por Joaquim Antonio Alves Ribeiro, bem como uma apresentação de aspectos de sua experiência de formação acadêmica nos Estados Unidos, informações de cunho biográficas, assim como ponderações sobre a institucionalização do museu e seus objetos. Já no terceiro capítulo, enfocamos as atividades científicas desenvolvidas por Alves Ribeiro. Dessa maneira, apresentamos suas ações e contatos com a Sociedade de História Natural de Boston; a análise das águas do Riacho Pajeú que embasou o parecer feito por Alves Ribeiro, a pedido do Presidente da Província; a publicação do livro *O Manual da Parteira*, impresso na cidade de Leipzig, no então reino da Saxônia; a publicação do periódico *A Lancêta* e o uso da anestesia, de forma pioneira no Ceará, em sua atividade profissional. No capítulo seguinte, o quarto, demonstramos como determinados grupos no Ceará e do atual Nordeste brasileiro estavam em contato direto com ideias e com ações exploratórias defendidas pela *Anthropological Society of London* na segunda metade do século XIX. No quinto e último capítulo discorreremos sobre as exposições universais, nacionais e provinciais, mostrando como elas se apropriaram de muitos princípios museais (selecionar, guardar e expor) ao buscar identificar os objetos apropriados para representar os diferentes níveis da realidade (local, nacional e internacional).

Ao lançarmos luzes sobre a trajetória científica efetivada pelo Dr. Alves Ribeiro,⁴ na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, podemos problematizar a narrativa da incompatibilidade da presença científica no Ceará do século XIX. Demonstrar as práticas científicas desenvolvidas pelo médico e cientista cearense em torno do seu museu de história natural (mas não só), e buscar entender como se deu a mecânica da sua obliteração pela historiografia são o escopo desta última parte da tese. Nela, expomos o que

⁴ Dr. é a designação abreviada para Doutor, isto é, médico. Mas usualmente utilizado como marcador social para diferenciar aqueles que estudaram (a elite) dos que não tem ou tiveram estudo (o povo) especialmente no século XIX. Assim, esse designativo também era utilizado para outras profissões como advogados e engenheiros. Faz-se necessário salientar também que Doutor tinha uma acepção ou significado próximo a mestre ou senhor honorável. Ao longo das pesquisas identificamos uma grande massa documental usualmente fazendo menção a Alves Ribeiro como Dr. Alves Ribeiro, daí lançamos mão desse designativo.

compreendemos serem as razões que explicam o silenciamento e omissões históricas sobre Joaquim Antonio Alves Ribeiro e suas atividades científicas no Ceará na segunda metade do século XIX.

Por fim, desejamos que os elementos empíricos e historiográficos apresentados sirvam de adensamento crítico capaz de sustentar o argumento de que os *topoi* seca, cangaço, messianismo e mandonismo, por exemplo, que deram – e até certo ponto ainda dão legibilidade ao Ceará, ajudaram a forjar, conjuntamente, as ideias de imobilismo e/ou tragédia cíclica originadas do fenômeno da seca, caracterizado, entre outros, por um passado que teima em se repetir, sem que seja possível oferecer “lições” capazes de mobilizar ações de ruptura e reinvenção, dado que ele apenas reforça a impossibilidade de superar a realidade incômoda da seca que passa a ser tomada como estruturante da realidade social, política, econômica e cultural do Ceará. Nossa pesquisa evidencia que a produção historiográfica cearense e brasileira, assim como a historiografia da ciência, não rompem com essa estrutura ou lógica explicativa, mas sim a reforçam e atualizam.

Para o desenvolvimento da tese, lançamos mãos de artigos, livros, dissertações e teses com o intuito de entendermos o teor da produção acadêmica sobre o Ceará e a história das ciências. Ao cotejarmos essa produção, sempre que possível, com documentos de época (memórias de instituições, artigos, livros, jornais), o propósito foi problematizar as conclusões e os entendimentos presentes na produção hodierna à luz do que foi efetuado e registrado na segunda metade do século XIX acerca dos temas aqui tratados.

Diferentemente do que se pode pensar, este trabalho não pretende ser um estudo biográfico com ênfase no binômio vida e obra.⁵ Esta pesquisa não pode ser uma biografia por um aspecto determinante: não há informações suficientes, dentre outros aspectos, sobre a infância, a adolescência, tampouco a vida em família do Dr. Alves Ribeiro. Suas

⁵ Como essa afirmação não queremos desmerecer ou renegar a importância das biografias. Nos últimos anos é crescente a preocupação dos historiadores, dentro e fora do Brasil, com a chamada escrita biográfica. Uma renovada visão sobre esse “gênero” está em curso e já há trabalhos referenciais de historiadores sobre o assunto. Para a importância da biografia no século XIX, ver: DALL’AGNOL, Rafael Terra. **Biografia e História Magistra Vitae**: aproximações e afastamentos no Brasil oitocentista. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.2020; OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV Editora/ EDUR/ ANPUH-Rio, 2011. Sobre as escritas biográficas, de forma mais ampla, Ver: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHIMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra & Voz, 2012; _____. **O que pode a biografia**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2018; LORIGA, Sabina. **O Pequeno x**: da biografia à história. Tradução. Fernando Cheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

cartas pessoais e de trabalho, os lugares precisos para onde viajou dentro e fora do Brasil, a delimitação do seu círculo de amigos, contatos pessoais, profissionais e científicos restam incompletos. Infelizmente pouquíssimo pudemos apurar sobre esses aspectos, o que impossibilita formalmente um trabalho biográfico de caráter histórico.

Outro enquadramento que eventualmente pode ser atribuído pelo leitor à presente pesquisa é a dita *micro-história*.⁶ Aqui, mais uma vez, acreditamos que não seja adequada a designação. Muito já se debateu sobre essa proposta de história que, por não focar os grandes acontecimentos, os grandes sujeitos, os países e/ou áreas tidas como referenciais são frequentemente considerados pesquisas menores, inferiores, de alcance restrito ou simplesmente mais um caso curioso ou anedótico. No caso específico desta tese, não consideramos que seja razoável atribuir o adjetivo micro (no sentido de menor) a uma pesquisa que se lastreia no caso concreto de práticas científicas assentadas na relação direta ou indireta de troca entre Brasil (Ceará), Estados Unidos, Inglaterra, Reino da Saxônia e Áustria. A vinda de um taxidermista da cidade livre de Hamburgo (com passagem pela Inglaterra) ao Ceará exclusivamente para realizar trabalhos no museu de história natural criado pelo médico cearense e a participação do Dr. Alves Ribeiro, criador do museu, na Exposição Universal em Viena, Áustria, em 1873, como integrante oficial da comissão que representou o Brasil neste certame, por exemplo, extrapolaram os limites do local, do regional e do nacional dificultando a adjetivação “micro”.

Ademais, pensamos que a designação de micro-história passou a designar um tipo de pesquisa que carregava consigo, aprioristicamente, um sentido ou uma orientação que dispõe e organiza as sociedades e suas as ações dos diversos grupos nela existentes em níveis distintos ou diferenciados: umas “micro” e outras “macro”. Assim, a macro política, que estamos acostumados a chamar desde a Revolução Francesa somente de política, passa a ser o referencial balizador em uma escala ou régua imaginada que classifica quem fez e os que não fizeram história sem hífen. Os primeiros estão aptos a receber o título de história em suas produções, aos últimos, resta apenas a identificação de micro-história. Daí, uma vez instituída essa divisão, caberia ao historiador manejar esses “Jogos de Escalas”,⁷ mesclando o geral com pitadas de *terroir* micro ou local, e vice-versa, ao gosto do freguês ou do público, para obter o saber e o sabor “perfeitamente

⁶ O trabalho mais aprofundado sobre o assunto em língua portuguesa é: LIMA, Henrique Espada [Henrique Espada Rodrigues Lima Filho]. **A micro-história italiana: escalas indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁷ REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

equilibrados” entre o micro e o macro.⁸ Tal entendimento é, no mínimo, problemático e resta-nos indagar: por que não chamar essa e outras produções somente de história?

Ciente da multiplicidade de enfoques e análises atribuídas à história, nesta pesquisa estaremos vinculadas as orientações da História da Historiografia,⁹ mais precisamente sobre a História da Historiografia da Ciência (do e no Brasil).

Faz-se necessário ressaltar que todas as traduções em outras línguas – alemão, inglês e francês – para a nossa língua vernácula, utilizadas neste texto, quando não creditadas, foram feitas e são de responsabilidade do autor da pesquisa. Ressaltamos ainda que mantivemos as grafias dos nomes próprios e dos títulos das obras publicados nos séculos XIX e início do século XX. Todavia, nas citações no corpo do texto a grafia dessas obras foi atualizada com o intuito de facilitar a leitura.

Ao longo da presente pesquisa efetivamos uma extensa consulta a livros, artigos, teses e dissertações. Nosso objetivo, desde o início, foi identificar as informações apresentadas e cotejá-las com os documentos de época. Nesse sentido, ao nos deparamos com os trabalhos do historiador cearense Guilherme Studart identificamos em sua vasta produção imprecisões, omissões e repetições, que criticamos ao longo da pesquisa. Dito isso, não significa que devemos deixar de ler e consultar os trabalhos desse historiador uma vez que o criticamos. Como historiadores não devemos interditar, excluir ou silenciar esse ou aquele autor, devemos tê-los como ponto de partida, problematizar os seus argumentos, questionar suas obras para que possamos ir além. Nessa linha seguiremos.

Por fim, recuperamos as palavras do historiador alemão Reinhart Koselleck sobre parte fundamental do ofício dos historiadores:

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, **o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou**

⁸ Sobre a relação entre sabor e saber ver o clássico: BARTHES, Roland. **A Aula**. Tradução de Layla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. pag. 20. Um artigo mais recente sobre esse debate foi feito por Durval Muniz Jr. Ver: ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. Regimes de Historicidades: como se alimenta de narrativas temporais através do ensino história. In: GABRIEL, Carmem Tereza; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus Leonardo Bonfim (Orgs). **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. pp. 21-42.

⁹ Em um importante artigo sobre a História da Historiografia, Valdei Araújo, defende que a História da Historiografia tem entre os seus objetivos “...pensar as diferentes formas de acesso ao passado e como a experiência histórica revelada nesses momentos pode ser atingida por uma investigação das formas de continuidade e descontinuidade históricas”. ARAUJO, Valdei Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. In: **Locus: revista de história** (Juiz de Fora), v. 12, 2006. p. 91. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20629/11044>> Consultado em 09/01/2020

ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios.¹⁰
(Grifo nosso)

Nesta tese, optamos deliberadamente por nos movimentar no segundo plano mencionado pelo historiador alemão. Nosso propósito maior foi – e será, sempre que necessário – enfrentar rigorosamente a opacidade dos fatos “ainda não articulados” – ou equivocadamente articulados – para lhes atribuir a linguagem e a legibilidade fulcrais para elaboração de novas e profícuas interpretações.

¹⁰ KOSSELECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Revisão da Tradução César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio, 2006. p.305. [grifo nosso]

1. Uma história interposta

Em uma palestra ministrada pelo historiador Norberto Luiz Guarinello no *John's College* na Universidade de Oxford, posteriormente transcrita e publicada na forma de artigo, o professor brasileiro pondera sobre o estatuto do saber histórico, afirmando que “A História científica, em todos os seus campos de especialização, opera de fato com formas (ou, antes f(ô)rmas) mediante as quais os historiadores tentam dar sentido ao passado, criando uma sensação de realidade e de completude”.¹¹ Guarinello desenvolve suas reflexões enfocando especificamente a história antiga, área de seu interesse e atuação profissional, o que não inviabiliza – observadas as especificidades – a apropriação do debate desenvolvido pelo historiador para as demais áreas e divisões do saber histórico.

No desenvolvimento do seu argumento, o professor de História da Universidade de São Paulo – USP discorre sobre história nacional, afirmando que: “A história brasileira começa tradicionalmente com a chegada dos europeus em 1500, e o restante do território, que hoje é o Brasil só adentra a História na exata medida da expansão da colonização”. Na sequência, ele declara: “A História do Brasil ainda é a História do Estado e da sua transformação de colônia a país independente”.¹² O processo, direto, linear e inquestionável da História nacional, centrada no aspecto político, é um elemento basilar da formação escolar dos brasileiros que desde a tenra infância aceita e acostuma-se com esse tipo de História (argumentos e fo(ô)rmas explicativas) que apresenta em seu bojo diversos problemas, como salienta Guarinello, ao comentar a concepção da História do Brasil como existente somente com a “chegada” dos europeus:

A grande maioria dos historiadores brasileiros concorda, hoje, que este é um ponto de vista eurocêntrico e que se devia começar com os primeiros habitantes do território brasileiro. Mas que território? O atual? Como definir os limites espaciais dessa História ao longo do tempo? Note-se que o Brasil só se tornou um Estado-nacional em 1822 e que suas fronteiras atuais só se fixaram no princípio do século XX. A própria ideia de uma identidade brasileira é bastante

¹¹ GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma Morfologia da História: as formas da História Antiga. In: **Revista Política: História e Sociedade**. Vitória da Conquista: vol.3 n.1, 2003. p. 42. Consta na nota de rodapé do artigo que a palestra ministrada pelo autor foi realizada no dia 12 de junho de 2003.

¹² *Ibid*, p. 48.

recente, um produto consciente do estado-imperial e das elites do século XIX, que criaram e impuseram uma língua oficial e escreveram as primeiras versões de uma História nacional. Obviamente o Brasil é um tema assaz importante, mas é também evidente que se trata de uma forma projetada do presente sobre o passado para criar contextos significantes.¹³

Criar contextos significantes, projetando o presente no passado, é uma forma pragmática de estruturar e entender a história nacional. Tal entendimento traz consigo, ainda, outras dificuldades, pois “É impossível para um historiador entender o passado sem formas. Mas deveríamos estar muito cientes de sua arbitrariedade, porque elas não são inocentes ou totalmente inofensivas”. Guarinello continua sua explicação e nela encontramos um dos pontos nevrálgicos do saber histórico efetivado em terras brasileiras: “Por exemplo, a História tradicional do Brasil reforçou a identidade da elite com a Europa e ajudou a apagar as raízes africanas e indígenas do país”.¹⁴

O que chamamos de história não é a coleção de todas as ações de homens e mulheres de todos os grupos sociais desenvolvidas ao longo do tempo. Pelo contrário, a história nasce de escolhas, seleções que privilegiam fatos específicos, acontecimentos relacionados a determinados sujeitos ou grupos sociais em detrimento de outros. A exclusão ou a pouca visibilidade de grupos nativos e/ou afrodescendentes na história nacional é um bom exemplo do tipo de história que praticamos no Brasil, repleta de silêncios, exclusões e direcionada à manutenção do *status quo*.

Homossexuais, indígenas, negros e mulheres¹⁵ são, usualmente, os grupos sociais e/ou os sujeitos mais suscetíveis a esse processo de obliteração histórica. Entretanto, não são os únicos, há também exclusões em virtude do lugar de origem ou inserção espacial. Tal é o caso do objeto de investigação desta tese, que lança luzes sobre fatos ocorridos na segunda metade do século XIX, no Ceará, como dito, para evidenciar o processo de obliteração de aspectos da história desse lugar que soam dissonantes à forma/fôrma historiográfica tradicional. A tese aqui proposta enfoca a trajetória e as atividades realizadas por Joaquim Antonio Alves Ribeiro, nascido na cidade de Icó, região sul do Ceará, em 1830 e falecido em 1875, na cidade de Fortaleza. Alves Ribeiro sonhou a

¹³ Ibid, pp. 48-49.

¹⁴ Ibid, p. 50.

¹⁵ Em um artigo de 2018, Maria da Glória destaca que além da invisibilidade das mulheres há a invisibilidade da produção de autoria feminina. Salientamos que dadas as devidas especificidades, esse duplo “apagamento” também ocorre recorrentemente, no presente e no passado, com todas e todos que não reverberam os projetos e os ideais dos grupos hegemônicos, por consequência centrais, do país. Para a crítica ao silenciamento da produção feminina da historiografia, ver: OLIVEIRA, Maria da Glória. Os Sons do Silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. In: **História da Historiografia**. v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018. p. 104-140. <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>> Consultado em 19/06/2020

possibilidade de transformar a sua realidade e, para tanto, estudou medicina, formação que lhe forneceu o cabedal para executar seus projetos científicos. Ele escolheu estudar na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, onde obteve seu diploma profissional em 1853.

Por si só, o deslocamento para fora do Brasil, em busca de formação profissional, já expõe o traçado de um percurso diferente do usualmente realizado pelos brasileiros interessados em exercer a profissão médica à época, dado que a formação médica podia ser obtida no Brasil, onde havia duas Faculdades de Medicinas, uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro. Para os detentores de melhores condições financeiras, a formação médica era feita, majoritariamente, na Europa, em Coimbra ou na Universidade de Montpellier,¹⁶ especialmente em virtude da aproximação cultural do Brasil com Portugal e França.

Ao escolher estudar em Harvard, nos Estados Unidos, Alves Ribeiro contrariou a tradição existente e foi “fazer a América” em um momento em que a Europa era concebida como o centro do mundo (centro econômico, político, cultural, científico, entre outros). Como veremos neste estudo, a opção por estudar nos Estados Unidos envolveu contatos pessoais, aspectos econômicos e uma predisposição da instituição em receber alunos externos. Harvard, diferente do que é hoje, naquela época era um centro de estudos com projeção restrita aos Estados Unidos e com alguma atração para estudantes do Canadá.

Após concluir o curso de medicina em 1853, Dr. Alves Ribeiro voltou ao Brasil para exercer a profissão em seu país. Aqui, passou por volta de quatro anos trabalhando na cidade do Recife, posteriormente, permaneceu provavelmente um ano no interior do Rio Grande do Norte, para, só então, no final de 1858, retornar definitivamente à cidade de Fortaleza. Ao regressar ao Ceará, ele foi nomeado “médico da pobreza”, ou seja, o médico pago pelo governo provincial para cuidar dos doentes desprovidos de recursos, pois não havia nem na cidade e nem na província, naquele momento, um hospital público para cuidar e tratar dos doentes. Somente em 1861 houve a inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, o primeiro hospital do Ceará. Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro foi o primeiro médico dessa instituição.¹⁷

¹⁶ SALGADO, João Vinícius *et al.* **Brasileiros Estudantes de Medicina em Montpellier no século XVIII.** Disponível em: <<https://sbhm.webnode.com.br/news/brasileiros-estudantes-de-medicina-em-montpellier-no-seculo-xviii/>> Consultado em 22/03/2021

¹⁷ Sobre o assunto ver: VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. **Fazer o Bem sem Olhar a Quem:** aspectos médicos e outras possibilidades na primeira metade do século XIX no Ceará. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo

Ao mesmo tempo em que desenvolveu sua atividade profissional como médico da Santa Casa de Fortaleza, o cearense formando nos Estados Unidos deu sequência aos seus estudos com foco em história natural, criando nesse influxo, um museu particular de história natural. Inicialmente, o museu era uma coleção privada, vindo a ser doada à Província do Ceará, que a recebeu com certa relutância. Foi ainda, o museu particular do Dr. Alves Ribeiro que originou o primeiro museu oficial da Província do Ceará.

De forma bastante resumida, essa foi a trajetória profissional do sujeito que montou o primeiro museu do Ceará, o Museu de História Natural no Ceará, iniciado nos últimos anos da década de 1850. Diversos aspectos dessa intrigante história chamam a nossa atenção, dentre elas, a ausência de pesquisas e registros históricos mais precisos tanto acerca do criador quanto da própria instalação. O fato ganha maior relevo sobretudo se levarmos em consideração que os museus de história natural, no século XIX, eram locais por excelência de produção de conhecimento científico e o museu do Ceará não era diferente nesse quesito.

Diante do silêncio histórico a respeito desses fatos, observamos com estranhamento tal obliteração, dado que a historiografia que operou o apagamento do sujeito e suas ações científicas era uma historiografia de viés historicista, nacionalista, lastreada no desejo de registrar “o que realmente aconteceu” e que valorizava prioritariamente os “grandes feitos” dos “grandes homens”. Diante do exposto, indagamos: por qual(is) motivo(s) essa história não foi “contada”, não foi devidamente registrada, não sendo, portanto, conhecida atualmente pela comunidade dos historiadores e pela comunidade em geral cearense e brasileira?

Uma tentativa de resposta a essa indagação deve englobar vários níveis de reflexão, entre os quais a forma historicamente como esse espaço geográfico, social, político, cultural e econômico que é o Ceará foi e, de certa maneira continua sendo, explicado dentro e fora de suas fronteiras.

1.1. História do Ceará: o que os historiadores explicam

Em 1992, o historiador cearense Sebastião Rogério de Barros da Ponte obteve o título de mestre em história pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Cruz. Rio de Janeiro, 2007. Sobre a criação do cargo de médico da pobreza, consultar especialmente o capítulo IV.

Nessa instituição de ensino ele defendeu a dissertação *Ruas limpas, novos corpos: reformas urbanas e disciplinarização social em Fortaleza na Primeira República*.¹⁸ Após revisão e adequações, a dissertação de Sebastião Ponte foi publicada no ano seguinte na forma de livro pela editora Fundação Demócrito Rocha sob o título *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)*.¹⁹

A modificação do título da dissertação quando essa foi vertida em livro tornou evidente o desejo de se comunicar com o leitor de forma mais clara e direta, tanto por parte do autor quanto da editora. Na dissertação, o título é indeterminado, geral e vago, pois “ruas limpas, novos corpos” deixam antever, apenas para quem conhecia e acompanhava o debate acadêmico da época, uma certa “influência foucaultiana”. A especificação espaço-temporal da pesquisa ficou a cargo do subtítulo da obra “reformas urbanas e disciplinarização social em Fortaleza na Primeira República”. Assim, “reformas urbanas, disciplinarização social e a capital do Ceará entre 1889-1930” são mobilizadas de forma hierárquica em que os primeiros termos determinam os últimos. Percebe-se ainda no subtítulo o esforço do autor para suplantiar a tradicional explicação política sob a ótica da história social, como veremos.

A publicação da pesquisa de Sebastião Ponte logo transformou essa obra em bibliografia obrigatória para os pesquisadores interessados em conhecer e estudar a história do Ceará. Ao articular as novas ideias médicas e científicas com as ações políticas, com ênfase na capital cearense, no período delimitado, o autor mostra o impacto

¹⁸ Obtivemos o título original da dissertação de mestrado de Sebastião Ponte ao consultarmos o currículo Lattes do pesquisador. Consta ainda neste mesmo currículo que ele começou a cursar o mestrado em História na PUC-SP em 1982 e a defesa ocorreu dez anos depois, no ano de 1992. Ver: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783140P5>> Consultado em 09/03/2021

¹⁸ No mesmo ano de publicação do livro de Sebastião Ponte, coincidentemente, foi publicado uma outra obra que versava sobre o mesmo tema no Rio de Janeiro. Ver: NEEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Para uma compressão da *Belle Époque* para além das fronteiras brasileiras, Ver: POSADA. Ainhoa Campos. **Breve História da la Belle Époque**. Madrid. Ediciones Nowtilus. 2017. Em uma leitura crítica sobre a ideia de *Belle Époque*, Francisco Falcon afirma que: A noção de *Belle Époque* tem todas as características de um mito saudosista cunhado na Europa pós-Primeira Guerra Mundial e transporto, a seguir, nos anos 20 e 30, para aquela que se supunha ter sido a realidade histórico-social brasileira entre o final do século XIX e começo do século XX. Trata-se de um mito que, no caso brasileiro, ao contrário do europeu, destaca menos a vertente saudosista e põem em relevo os avanços de valores como civilização, modernidade, progresso, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro, mas não só. São muitas, por sinal as semelhanças e diferenças entre a “Belle Époque” que uma imaginação saudosista construiu para sociedade europeia anterior a 1914, e a chamada *Belle Époque Tropical* para o Rio de Janeiro das duas primeiras décadas do séc. XX. Ver: FALCON, Francisco José Calazans. Revisitando um Velho Mito: o conceito de *Belle Époque*. In: AZEVEDO, André Nunes de. (Org.). **A Cidadela das Letras**: história e literatura no Rio de Janeiro da virada do século XIX ao XX. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2019. p.18.

¹⁹ PONTE, Sebastião Rogério Barros da. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf. Ed. Ltda, 1999,

e as consequências dessas ações na sociedade que buscava a todo custo se adequar ao novo modo de vida burguês citadino. Diferente do que usualmente é pensado sobre uma pesquisa de orientação foucaultiana, em *Fortaleza Belle Époque* o autor pôs em relevo não só as propostas e as ações oficiais de controle e cerceamento, ele também mostrou como o povo, a massa ampla e indefinida constituinte da sociedade que não aceitou, criticou e reconfigurou as normas e as exigências políticas de uma sociedade que buscava excluir os que não se adequassem aos preceitos ditados pela burguesia em ascensão.

Cinco anos depois da publicação da primeira edição da pesquisa de Sebastião Ponte, outro trabalho referencial veio a lume, mais uma pesquisa versando sobre a história do Ceará. Frederico de Castro Neves defendeu sua tese de doutorado em história intitulada *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*.²⁰

A tese, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense – UFF, foi defendida em 1998. Nessa pesquisa, de orientação teórico-metodológica thompsoniana, o autor mostra como desde a década de 70 do século XIX até a segunda metade do século XX, as recorrentes estiagens, popularmente chamadas de secas, deixaram de ser um problema exclusivamente rural ou do campo para se tornarem um grande problema econômico, político e social com grande impacto na vida urbana da capital e das principais cidades do Ceará.

Na tese, o autor também apresenta como, nas recorrentes situações de crises, o grande número de flagelados impactados pelas secas desempenhou papel político ativo. Mesmo desprovidos de representação política formal, só a simples presença dos milhares de despossuídos nas urbes demandou ações de contenção, restrição e controle do Estado. Ações que, no entanto, não solucionaram os problemas que os faziam migrar e nem impediram a chegada de novos despossuídos aos centros urbanos. Os grupos de retirantes, chamados de “hordas” ou “turbas” pelos jornais da época, organizavam-se para saquear armazéns e depósitos de alimentos a fim de saciarem a fome. Mesmo fracos, doentes e com fome, são expostos por Frederico Neves como grupos que não agiram “de qualquer forma”, pois antes da efetivação dos saques havia negociação, pressão coletiva e, quando a fome não era amenizada com ações públicas ou particulares, os saques eram deflagrados com objetivos específicos em momentos específicos. Esses aspectos levaram Frederico

²⁰ Em 2000, a tese de Frederico Neves foi publicada na forma de livro pela extinta editora do Rio de Janeiro Relume Dumará em parceria com o Governo do Ceará, que financiou a publicação da obra. Ver: NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

de Castro Neves a enxergar a existência de uma “moralidade” e uma “racionalidade” orientadora das ações de saques coletivos realizados no Ceará, entre as últimas décadas do século XIX e os três primeiros quartéis do XX.

Mesmo sendo obras com objetivos e propostas distintas, os dois trabalhos supracitados, de dois professores do Curso de História da Universidade Federal do Ceará – UFC, apresentam argumentos que se cruzam: *Fortaleza Belle Époque* parte do fausto e das ideias da elite e vai aos poucos encontrando os cidadãos pobres, o povo em geral, com seus hábitos e suas práticas criticadas à época por não compartilhar os preceitos burgueses; já em *A Multidão e a História*, desde o início, vemos os atingidos pelas secas periódicas (os retirantes pobres) como os agentes históricos por excelência. Por caminhos diferentes, os dois trabalhos colocam em aproximação poderes públicos (lastreados nos interesses das elites) e o povo, cuja relação ocorre mediada pela tensão e pelo conflito.

Salientamos que as duas obras aqui mencionadas compartilham ainda aspectos fundamentais sobre a realidade histórica cearense oitocentista e novecentista: 1) as ações efetivadas na segunda metade do século XIX e as desenvolvidas ao longo do século XX foram fundamentais para a construção e conformação do Ceará como uma unidade política, econômica, social e geográfica; 2) a cidade de Fortaleza exerceu, neste período, o papel de principal centro da(o) província/estado; 3) a realidade cearense (o estado, as cidades, os cidadãos) é fruto de projetos e disputas entre grupos sociais distintos e as elites não obtêm vitórias totais, pois o sucesso material dos grupos abastados não preenche por completo as práticas culturais e as memórias dos grupos subalternizados que por meio de sua cultura e das suas práticas culturais enfrentam o ordenamento social determinado pelas elites.

Da mesma forma que há pontos de convergências entre a duas obras em questão, também há especificidades e limites nos argumentos mobilizados. Isso fica mais nítido na obra de Sebastião Ponte, que foi criticado em trabalhos posteriores por centrar sua pesquisa nas elites e por não se debruçar detalhadamente sobre os menos afortunados e/ou excluídos.²¹ Além disso, a chamada *Belle Époque*, no Ceará, foi concentrada,

²¹ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Cidade na contramão**: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1996; BARROS, Karla Torquato dos Anjos. "**A Varíola Ficou Morando na Capital**": Ideias e Práticas Médicas Representadas Mediante Manifestação da Doença em Fortaleza (1891-1901)." Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE, 2011; FREITAS, Idalina Maria de Almeida. **Crimes Passionais em Fortaleza**: o cotidiano construído nos processos-crimes nas primeiras décadas do século XX. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007; GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombras da pobreza na cidade**

sobremaneira, na cidade de Fortaleza;²² não havendo a mesma dinâmica política, econômica e intelectual em outras cidades cearenses que experimentavam a perda do espaço político e econômico para a capital em crescimento, fazendo com que os potentados locais, que não estavam sediados na capital cearense, fossem para lá se estabelecer, situação explicitada pelas transformações urbanas da cidade e novos hábitos sociais. Assim, a obra de Sebastião Ponte foi lida, criticada e pouco “copiada ou reproduzida”, isto é, poucos historiadores continuaram pesquisando exclusivamente o fausto e as elites da capital e/ou situações análogos em outras cidades do Ceará.

Já a fortuna crítico-acadêmica da obra de Frederico Neves é diametralmente oposta à de *Fortaleza Belle Époque*, pois *A Multidão e a História* foi e ainda continua a ser amplamente aceita e retomada em pesquisas que se voltam para diversos períodos e contextos da história cearense.²³

do Sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006; MARTINS, Leticia Lustosa. **Varíola em Fortaleza:** Marcas Profundas de uma Experiência Dolorosa (1877-1881). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE, 2012; FONTELES NETO, Francisco Linhares. **Vigilância, Impunidade e Transgressão:** facas da atividade policial na capital cearense 1916-1930. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2005; LINHARES, Juliana Magalhães. **Entre a casa e a rua:** trabalhadores pobres urbanos em Fortaleza (1871-1888). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2011; RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder:** Fortaleza e os Campos de Concentração na seca de 1932. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999; ___ **Engenheiros da Memória:** narrativas da seca no Ceará. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. SILVA, Amanda Guimarães da. **Trabalho, pobreza e cotidiano:** carroceiros e carregadores em Fortaleza entre os anos de 1900 e 1930. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2021. Vale salientar ainda que no primeiro lustro dos anos 2000, Frederico Neves publicou um artigo explicitando a sua discordância frente a obra de Sebastião Ponte, Ver: NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877 - 1915). In: **Trajeto**s. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v.3. n. 6, 2005. pp. 113 - 138.

²² LOPEZ. Luã Rodrigues. **Vida Material:** Analisando o Processo Civilizador a Partir dos Objetos Domésticos Pertencentes às Elites de Fortaleza (1871-1893). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE. 2017; OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. **Tempo moderno conforme narrativa ou a memória, a crônica, a história, o cotidiano:** Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE, 2010; SÁ, Paulo Cesar Freira. "Um Copo D'Água e Um Palito..." Práticas Urbanas e Sociabilidades nos Quiosques e Cafés de Fortaleza (1886-1920). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza - CE, 2016; SILVA, Marcia Cláudia Vidal Lima. **Uma Revolução no Tempo das Trocas:** Arquitetura do Ferro na Cidade de Fortaleza (1860-1910). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE, 2015; VIEIRA, Carla Manuela da Silva. **Sociabilidade e modernidade nos espaços de lazer da capital cearense do início do século XIX (1901 a 1910).** Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

²³ BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense:** rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884). Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013; CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Proletários das secas:** arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará.

Fortaleza - CE, 2014; FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Cassacos**: trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempo de secas (Ceará, anos 1950). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, 2016; LIMA, Aline Silva. **Um projeto de combate as secas**: os engenheiros civis, as obras públicas na Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS e a construção do Açude Tucunduba (1909-1919). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2010; MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **A necessidade e o chicote**: seca e saque em Limoeiro do Norte (1951-1954). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2005; MARTINS, Raimundo Aterlane Pereira. **Das santas almas da barragem à caminhada da seca**: projetos de patrimonialização da memória no sertão central cearense (1982-2008). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2015; PINHEIRO NETO, Armando. **Do curral da fome a campo santo**: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Rio de Janeiro, 2014; OLIVEIRA, Venâncio Sousa de. **Para além dos barrações**: experiências de camponeses do Baixo e Médio Jaguaribe alistados em obras de emergência (Ceará-1958). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2021; RODRIGUES, Francisco Magnel Carvalho. **Seca, deslocamentos e serviços de emergência**: a experiência dos trabalhadores da construção do açude araras (1951-1958). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2020; SILVA, Jeovah Lucas da, **As bênção de Deus**: a seca como elemento educador para o trabalho (1877-1880). 2003. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2003.

Interessante observamos que a lógica ou a ideia explicativa do Ceará como uma realidade exclusivamente determinada pela seca, no passado e conseqüentemente no presente, além de fácil entendimento é, também, de fácil “reprodução”. Identificarmos esse mesmo tipo de pesquisa, tão bem conformada por Frederico Neves no final do século XX, consubstanciadas em pesquisas acadêmicas, para muito além do Ceará, em diversos níveis de formação na academia, por pesquisadores não cearenses ou que não estudaram em Universidades cearenses ao longo das décadas iniciais do século XXI. Ver as produções acadêmicas defendidas por: MAIA, Jamile Campos. **A fome, a religião e a peste**: Rodolfo Teófilo e a seca no Ceará. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ, 2012; _____. **Exilados da fome**: seca e migração no Ceará oitocentista. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015; _____. **Cortejo da moléstia**: varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Ano de obtenção: 2022. Ainda como exemplo ilustrativo de pesquisas que só associam o Ceará com as calamidades das secas: Ver as produções acadêmicas defendidas por: MELO, Leda Agnes Simões de. **Ao menos o chão que é meu, meu corpo vai adubar?**: isolamento e campos de concentração cearenses nas secas de 1915 e 1932. 2011. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ, 2011; _____. **O trabalho em tempos de calamidade**: a Inspetoria de Obras nos campos de concentração do Ceará (1915 e 1932). Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015; _____. **A seca como questão política e social**: os discursos em torno dos semiáridos do Brasil e da Argentina a partir dos casos do Ceará e de Santiago del Estero (1932-1937). Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP). São Gonçalo – RJ, 2020. Por fim, faz-se necessário salientar que a associação rápida e fácil do Ceará como espaço da seca não é exclusiva desse Estado, anteriormente província. Essa associação é bastante usual e livremente mobilizada pelo demais Estados/províncias que hoje constituem o Nordeste, anteriormente o Norte do Brasil. Um exemplo atual dessa lógica explicativa em outra realidade por ser encontrado em: ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de. **Alimentação, saúde e doenças carenciais em períodos de seca nos sertões do Rio Grande do Norte (1877-1935)**. (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Ano de obtenção: 2022; CORREIA, José Cícero, **Trabalho, seca e capital**: da construção da Ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas, Maceió - AL, 2015; GONÇALVES, Graciela Rodrigues. **As Secas da Bahia do Século XIX** (Sociedade e Política). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA, 2000.

Entretanto, desejamos ressaltar dois pontos presentes na obra de Frederico Neves que, até o momento, foram pouco observados e debatidos, a saber:

a) Os saques e as ações de pressão coletiva mobilizados pelos retirantes do final do século XIX e no século XX caracterizam-se pelo uso explícito da violência como “forma” de resolução de conflitos.²⁴ Ao não problematizar o uso da violência²⁵, Frederico Neves aceita, legítima e normaliza esse uso – em seu duplo aspecto: tanto a violência que os retirantes sofreram, como a que eles praticaram. Nesse sentido, reverbera no autor o pressuposto marxista, observado por Hannah Arendt, de que “A violência é a parteira de toda velha sociedade prenhe de uma nova”.²⁶ Ao aceitar tal pressuposto Frederico Neves conscientemente compreende a “violência como mola propulsora da luta de classes no capitalismo”.²⁷ Em outras palavras, só há história mediante o uso da violência. Se considerarmos essa afirmação como verdadeira, logo teremos de constatar que – infelizmente! – decorrido quase um século e meio da grande seca de 1877, ainda aguardamos o “nascimento”, nem que seja a fórceps, da tal “nova sociedade” para escrevermos uma nova história!

b) Ao lançar mão das ideias do historiador inglês Edward Palmer Thompson e tomá-las como referência para a escrita de *A Multidão e a História*, o professor de história da UFC ressignificou a história dos grupos camponeses cearenses, objetivando a escrita de uma “história vista de baixo”.²⁸ Entretanto, no afã de conformar a realidade cearense às

²⁴ Ao privilegiar as ações feitas pela multidão, Frederico Neves filia-se as ideias do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993). Thompson, por sua vez, lastreou sua produção intelectual nas ideias do pensador alemão Karl Marx (1818-1883).

²⁵ Para uma crítica da violência, Ver: ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André de Macedo Duarte. 9ªed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018; PAREDES GOICOCHEA, Diego. 2018. “La cuestión de la violencia en la crítica de Hannah Arendt a Karl Marx”. In: **Revista de Estudios Sociales** 63: 20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/res/n63/0123-885X-res-63-00020.pdf>> Consultado em 26/02/2021.

²⁶ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad: Mauro W. Barbosa de Almeida. 5ª. ed., São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 48.

²⁷ MARX, Karl [Karl Heinrich Marx]. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Ver especialmente o Capítulo XXIV – A assim chamada acumulação primitiva.

²⁸ Uma boa síntese sobre a história vista de baixo é encontrada em: PURDY, Sean. The June Days of 2013 in Brazil and the Persistence of Top-Down Histories. In: Sean Carleton, Ted McCoy, and Julia Smith. (Org.). **Dissenting Traditions**: Essays on Bryan D. Palmer, Marxism and History. Athabasca, Canadá: Athabasca University Press, 2021.

Saliento, especificamente, a seguinte passagem: **No original**: The history of the concept of “history from below” is relatively well known, but it is worthwhile briefly discussing the trajectory of the concept itself in the historiographical literature and in the intellectual/political formation on which the present chapter is based. First coined by the founder of the *Annales*, Lucien Febvre, “history from below” became explicitly known in the English-speaking world after the publication of an article with this title by E. P. Thompson in 1966, but also implicitly from the impact of his *The Making of the English Working Class*. Although the title of the 1966 article was likely added by an editor since Thompson did not actually use the term in the

ideias de Thompson, Frederico Neves reproduziu os problemas e deficiências presentes na obra do historiador inglês. Vejamos, por exemplo, o que diz a historiadora norte americana Suzanne Desan sobre como Thompson registrou o alegado consenso comunitário em suas produções:

O conceito de consenso comunitário de Thompson, porém, pode às vezes sugerir uma comunidade mais coesa e unida do que fato existia. Ele certamente não postula a existência de uma ação uniforme por parte da comunidade inteira, mas postula uma conceituação unanime. Seu modelo não consegue explicar porque (sic) certos grupos dentro da comunidade apresentava uma probabilidade maior que outros de engajar-se em tumultos. Por que algumas pessoas participavam, enquanto outras condenavam ou só oferecia uma aprovação tácita e inativa?²⁹

A Multidão e a História teve o seu processo de escrita iniciado em 1994, um ano após o falecimento do E. P. Thompson, e foi concluída em 1998. Neste momento, já abundavam análises e críticas às propostas teórico-metodológicas de Thompson.³⁰

article, the notion that “history from below” would focus on the hitherto “history-less” —“the lives and struggles of ordinary people . . . social relations at the grass roots, popular forms of protest, everyday activities such as work and leisure, as well as attitudes, beliefs, practices, and behavior” — would be welcomed by critical historians, especially Marxists, from the 1960s onward who aimed to counter the “history of great men” (and, occasionally, “great women”) still prominent in the academy. Not by accident, such an insight ended up fostering not only research on workers, but also on women, slaves, immigrants, and other oppressed groups. And the influence of the concept was felt not just in Europe and North America, but in Asia, Latin America, and Africa, where it conceptually merged with similar traditions, such as microhistory, Alltagsgeschichte (the history of everyday life), and people’s histories.

Tradução: A história do conceito de “história de baixo” é relativamente conhecida, mas vale a pena discutir brevemente a trajetória do próprio conceito na literatura historiográfica e na formação intelectual/política em que se baseia o presente capítulo. Primeiramente cunhada pelo fundador dos Annales, Lucien Febvre, a “história vista de baixo” tornou-se explicitamente conhecida no mundo anglófono após a publicação de um artigo com este título por E. P. Thompson em 1966, mas também implicitamente pelo impacto de sua obra *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Embora o título do artigo de 1966 tenha sido provavelmente adicionado por um editor, já que Thompson não usou o termo no artigo, a noção de que “história vista de baixo” se concentraria nos até agora “sem história” – “as vidas e lutas das pessoas comuns. . . relações sociais nas bases, formas populares de protesto, atividades cotidianas como trabalho e lazer, bem como atitudes, crenças, práticas e comportamentos” – seriam bem recebidos pelos historiadores críticos, especialmente marxistas, a partir dos anos 1960 que buscavam para contrariar a “história de grandes homens” (e, ocasionalmente, “grandes mulheres”) ainda proeminente na academia. Não por acaso, tal percepção acabou fomentando não só pesquisas sobre trabalhadores, mas também sobre mulheres, escravos, imigrantes e outros grupos oprimidos. E a influência do conceito foi sentida não apenas na Europa e na América do Norte, mas na Ásia, América Latina e África, onde se fundiu conceitualmente com tradições semelhantes, como a micro-história, *Alltagsgeschichte* (a história da vida cotidiana) e as histórias das pessoas.

²⁹ DESAN, Suzanne M. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn Avery. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo. Martins Fontes, 1992. p. 77. (Coleção O Homem e a História)

³⁰ As abundantes notas e a extensa bibliografia que embasam o artigo de Suzanne Desan demonstram como no “mundo anglo-saxão” o modelo explicativo de E. P. Thompson já estava sendo debatido pelos historiadores, sociólogos, antropólogos. O artigo de Desan foi publicado originalmente como um artigo integrante do livro de Lynn Hunt, nos Estados Unidos, em 1989. No Brasil, o livro foi traduzido e publicado pela editora Martins Fontes em fevereiro de 1992. Mais de um lustro antes da conclusão da tese que resultou no livro *A Multidão e a História*.

Frederico Neves não se preocupou em incorporar as críticas que o “modelo historiográfico” replicado recebeu, não buscou “superar as incongruências existentes nas “ideias importadas” por meio de sua pesquisa e, assim, possibilitar a realização e/ou expansão do debate. Dessa maneira, o professor reproduziu os mesmos problemas e as mesmas dificuldades criticadas na produção historiográfica de Thompson, pois não apresentou uma explicação plausível para justificar como no grupo delimitado, os retirantes afligidos pela seca, havia especificidades e distinções internas ao ponto de muitos participarem ativamente dos *charivaris*, *riots* ou saques e outros simplesmente não participarem. O que justificaria essa diversidade de ações, pois se todos os retirantes, naquele momento, compartilhavam as mesmas necessidades, as mesmas experiências fugindo das secas? Como explicar a ação de uns e a inação de outros? Ao lermos a tese de Frederico Neves não encontramos vazão a essa ponderação e somos compelidos ao entendimento de que todos os retirantes participaram ativamente de todas as ações coletivas irmanados por objetivos em comum.

Ainda no bojo das apreciações críticas da obra de Thompson, o historiador Durval Albuquerque Jr., em artigo bastante elucidativo sobre o fazer historiográfico do historiador inglês, afirma:

Em Thompson, pois, a História tem como pressupostos a idéia (sic) de totalidade, de razão, de verdade, de continuidade, de essência, de semelhança. A História é uma ciência que busca elaborar a verdade sobre o real, mesmo que esta seja determinada por múltiplos fatores. A História é encarada como um realismo, porque só assim ela teria condições de intervir no real, sabendo o que de fato ele é. Por isso é fundamental que ser e consciência estejam separados, para que, mesmo que sejamos vítimas de uma falsa consciência, o ser da coisa em si fique preservado, garantido, para que, com método rigoroso e um grande volume de fontes, possamos nos aproximar ao máximo de seu âmago.³¹

Mais uma vez fica nítido como a crítica observada por Durval Albuquerque Jr. na produção de Thompson também reverbera em *A Multidão e a História*, por reproduzir *ipsis litteris* os pressupostos teóricos e metodológicos, objetivos e resultados perseguidos pelo historiador inglês. A aproximação é tão grande que o leitor desavisado poderia confundir os retirantes cearenses da seca de parte dos séculos XIX e XX com súditos ingleses do final do século XVIII. Pois Frederico Neves, em sua obra, toma a seca como a verdade determinante da história do Ceará, mesmo ciente de que outras realidades

³¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Por uma leitura "safada" de E. P. Thompson. In:____. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 244. (Coleção História)

existem para além do sofrimento dos flagelados que influenciam esse período simploriamente denominado de seca. Ao lermos *A Multidão e a História* não conseguimos visualizar a multiplicidade de sujeitos e as diversas situações que constituem a vida de homens, mulheres, crianças e idosos no presente e no passado. Vemos apenas o infortúnio dos flagelados que mesmo cansados, famintos e doentes ainda têm plena “consciência” da necessidade imperativa de “negociar” ou de traçar “estratégias de sobrevivência”, e que, ao não obterem os resultados desejados, apelariam para os saques. Enquanto isso, às elites e aos potentados locais caberia a elaboração de “(des)políticas públicas” em vários níveis; ações em sua grande maioria ineficazes e fadadas ao insucesso, em nome dos flagelados.

Por fim, é importante salientar que ao escolher as ações de massa em contextos de seca como objeto de suas pesquisas, Frederico Neves reifica a seca como a grande estrutura significativa do processo histórico cearense, havendo apenas uma possibilidade de história digna de ser estudada e conhecida: como retirantes da seca fugiram da morte; isto é, como reagiram às intempéries inclementes da natureza no Ceará. Na obra em foco, a história do Ceará e dos cearenses é reduzida a poucas ações: fugir, se alimentar e sobreviver. Serão essas as únicas possibilidades que homens e mulheres do passado, no Ceará, tiveram diante de si? Essas pessoas não sonhavam, desejaram ou realizaram ações diferentes das implicadas pela estrutura dominante da seca?

Passadas três décadas do lançamento de *Fortaleza Belle Époque* e mais de duas décadas da publicação de *A Multidão e a História*, não é exagero afirmarmos que os dois trabalhos gozam do *status* de obras referenciais da historiografia cearense. Esse fato pode ser atribuído à capacidade dessas duas obras fazerem circular documentos significativos para compreendermos a realidade cearense dos dois últimos séculos; por construírem argumentos alinhados a pressupostos teóricos de aceitação longa na academia brasileira; ou por serem doadores de inteligibilidade plástica e facilmente replicável para pesquisas derivadas.³²

Todavia, ao buscarmos entender especificamente as práticas científicas implementadas no Ceará do século XIX, percebemos que nos trabalhos mencionados não

³² Vale ressaltar que essas “novas orientações” aportaram na historiografia cearense nos anos 1990, quando os centros de pesquisas em história mais estruturados, entenda-se os programas de pós-graduação estabelecidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, já começavam a identificar os limites dessas novas orientações e as críticas aos modismos acadêmicos capitaneados por Foucault e Thompson ganhava força pois seus respectivos argumentos já eram “aplicados” no país desde 1980. Sobre o assunto ver: RAMOS, Igor Guedes. **Genealogia de uma operação historiográfica**: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da década de 1980. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2015.

há espaço para enxergar a realidade histórica cearense por um prisma que dê lugar às práticas de ciência de maneira positivada. A ciência só aparece nesses estudos pela mediação do saber médico (a ciência médica), compreendido como saberes instituidores de práticas legitimadoras de reformas urbanas excludentes e orientadas pelos interesses das elites por controlar os corpos e as mentes dos flagelados. A ciência, como medicina social, é o mecanismo por meio do qual os pobres migrantes são enquadrados pelas elites urbanas do Ceará de modo a obrigá-los a adquirir novos hábitos e novas posturas em sintonia com as aspirações burguesas locais. Na obra de Sebastião Ponte, existe, porém, um movimento que busca situar nessa Fortaleza *Belle Époque* o advento das “novas ideias filosóficas” simbolizadas na chamada geração de 1870 do Ceará. Geração, inclusive, que pode ser compreendida como marco intelectual da “invenção do Ceará” como uma identidade própria que cumpre a função de desvelar o Ceará aos cearenses, oferecendo-lhes um contorno historiográfico, estético e político reconhecível dentro e fora de suas fronteiras.

1.2. História e o meio ambiente cearense: a natureza da explicação

Nos últimos anos, com a crescente preocupação ambiental, diretamente influenciada pelas transformações no fluxo das águas, pela degradação dos solos, pelos impactos causados nos recursos geobotânicos assim como na fauna, percebemos a ascensão de pesquisas voltadas ao estudo do meio-ambiente em perspectiva histórica, suscitando o que pesquisadores dessa temática denominam de História Ambiental. Sob tal ótica, identificamos que já há teses e dissertações com foco específico no Ceará e em suas características naturais.³³

³³ DINIZ, José Nilo Bezerra. **Paisagens Marginais**: um estudo em perspectiva histórica de localidade portuárias no sertão brasileiro (1808-1851) e no deserto do sudoeste africano (1884-1914). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014; OLIVEIRA, Antônio José Alves de. **João da Silva Feijó e os dilatados sertões**: pensamento científico e representações do mundo natural na capitania do Ceará (1799-1816). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014; OLIVEIRA, Antônio José Alves de. **“Para vir a ser a mais florente de toda a América Portuguesa”**: leitura do mundo natural, geografias coloniais e projeções nos sertões – Capitania do Ceará Grande (1760-1799). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2018; OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. **O Rio e o Caminho Natural**: propostas de canais do São Francisco, aspectos físicos fluviais e dinâmicas políticas no Brasil Império (1846-1886). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2015; OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. **“O Céu Está Muito Alto e o Imperador Muito Longo”**: As Matas de Caatinga e a Questão Climática no Império Brasileiro (1825-1884). Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020; SILVA, Leandro Maciel. **Oásis do**

Das sete pesquisas que identificamos, englobando trabalhos de mestrado e doutorado estudando a realidade pretérita do Ceará, cinco foram defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, onde há a linha de pesquisa Meio Ambiente e Migrações: Espacialidades e Globalidades.³⁴ Um na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e somente a mais recente, a tese de Gabriel Oliveira, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, na linha de pesquisa História das Relações de Poder, das Instituições e das Territorialidades, com ênfase no setor temático: História, Natureza e Territórios.³⁵

Além do foco na história ambiental, os trabalhos aqui listados compartilham uma ênfase difusa na natureza do Ceará e na região Norte ou Nordeste, conforme entendida desde a segunda metade dos séculos XVIII até a primeira metade do século XX. É importante observar que, nacional e internacionalmente, desde o final do século XIX, o Ceará foi e ainda é conhecido como um local constantemente assolado pelas secas e seus corolários: pobreza, fome, doenças, mortes. Apenas a pesquisa de Gabriel Oliveira enfoca esse problema, ao interrogar a relação específica e histórica da seca com o meio ambiente. As demais pesquisas, frutos dos interesses e dos recortes específicos de seus autores, optaram por desconsiderar a questão e/ou desviar dela, o que direta ou indiretamente reafirma a seca como um fenômeno natural inquestionável e inescapável.³⁶

Como mencionado, Gabriel Oliveira realizou uma pesquisa distinta. Na tese, o pesquisador apresenta como os debates sobre o clima foram feitos a partir de interesses políticos e como as secas – tidas como desastres naturais – foram significadas politicamente. Ao observar o recorte temporal estabelecido na pesquisa, notamos que o privilégio de quase seis décadas – de 1825 até 1884 – denota uma cronologia próxima ao início e ao fim do dito período imperial brasileiro, momento em que as províncias do Norte vão perdendo poder econômico e projeção política. Esse fenômeno será inversamente observado nas províncias do Sul, que passaram a ter cada vez mais destaque econômico e político no cenário nacional.

sertão: a paisagem do Cariri cearense (séc. XIX -XX). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina-SC, Florianópolis, 2019.

³⁴ Disponível em <<https://ppghistoria.ufsc.br/linhas/>> Consultado em 08/04/2022

³⁵ Sobre o assunto, Ver: <<https://ppghis.historia.ufrj.br/linhas-de-pesquisa/historia-das-relacoes-de-poder-das-instituicoes-e-das-territorialidades/>> consultado em 18/09/2021.

³⁶ Como isso não desejamos dizer que o estudo das secas é a única possibilidade de pesquisa para os interessados em história ambiental no Ceará. Prova disso é a existência de diversas pesquisas, aqui mencionadas, que não se debruçam especificamente sobre nesse tema.

Entretanto, apesar de Gabriel Oliveira desenvolver a tese *O céu está muito alto e o imperador está muito longe* com um enfoque teórico-metodológico embasado na História Ambiental, há uma dissociação entre os processos ambientais e processos econômicos, ou seja, o maio ambiente também é fruto de escolhas, decisões ou inações políticas com impacto direto e acumulativo na natureza. Dessa maneira, o autor não problematiza a irregularidade climática como elemento impeditivo ou limitador dos grupos sociais atingidos por esse fenômeno socio-natural. Em vista disso, Oliveira continuou restrito à ideia de seca como razão primordial do atraso da região e como paradigma explicativo. Se antes do trabalho dele a seca foi estudada e explicada por meio da ausência de chuvas e de água – problema amplificado pelas ações políticas ineficazes e resultando no crescimento da fome, doenças e ações de saque coletivos –, logicamente, para o autor, essa situação também deveria ser abordada observando as características constituintes da natureza do então “norte do Brasil”. O enfoque pode ser observado na própria nomeação dos capítulos da tese, apresentados assim: a seca e recrutamento, a seca como questão de engenharia na década de 1830, a grande seca de 1844-1847, seca nos enlaces de clima e poder, a experiência de 1877.

Mesmo esforçando-se para apresentar algo novo, distinto do que foi feito anteriormente, o pesquisador absorve e reproduz os argumentos preexistentes à sua pesquisa e reapresenta o mesmo argumento de uma outra forma. Não por acaso a dissertação de mestrado de Gabriel Oliveira tratou das propostas de transposição de água do Rio São Francisco no século XIX, ausência de água (Mestrado) e crise climática ou seca (Doutorado) o eterno binômio explicativo do Ceará e do que é chamado hoje, indiscriminadamente, de Nordeste brasileiro. *Mutatis mutandis*, a seca continua sendo o parâmetro principal da história cearense.

1.3. História da ciência no Ceará: o que os historiadores pesquisam³⁷

Foi a geração que veio logo depois de Sebastião Ponte e Frederico Neves (geração essa constituída, na maior parte, por ex-alunos dos dois autores) que passou a estudar mais detidamente a realidade cearense com ênfase na ciência e em suas práticas.

³⁷ Neste levantamento não contemplamos as produções que versam sobre a história da saúde por essas obras estarem voltadas à história da medicina e das práticas de cura.

Percebemos que a proximidade com a passagem do século XX para o XXI – o clima de *fin de siècle*, talvez – suscitou relativo interesse nos historiadores e nos pesquisadores das humanidades, em geral, em examinar e compreender a ciência e os cientistas a partir do Ceará, tendo ou não o esse estado como objeto de suas pesquisas.

O olhar em perspectiva permite enxergar que as pesquisas desenvolvidas sobre história das ciências no Ceará podem ser agregadas em dois grandes grupos que enfatizam os seguintes aspectos: 1) vida e obra de intelectuais/cientistas e 2) estudos de instituições e atividades científicas.

O primeiro grupo,³⁸ o binômio vida e obra, é indiscutivelmente o tipo de produção mais abundante. Os trabalhos que optam por essa forma de abordagem tratam das produções e/ou das atividades de membros específicos da sociedade cearense, usualmente detentores de alguma importância cultural, política e econômica. Muitas vezes esses trabalhos retratam os personagens de suas narrativas em tom laudatório, desprovido de críticas. Em geral, notamos uma ênfase por vezes exagerada na produção intelectual e científica do sujeito estudado. Esse tipo de pesquisa normalmente conduz os leitores à compreensão de que em um lugar castigado pela seca e desprovido dos materiais mais essenciais de estudo e pesquisa e em uma quase total ausência de condições e apoio financeiro para tal empreitada, toda e qualquer produção feita é a mais pura demonstração

³⁸ ARAÚJO, Ariane Bastos Gonçalves de. Dissertação: "**O Gladiador do Pensamento e a Palavra-ação: A Acrópole Ideal nos Escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima (1874-1878)**". Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE. 2013; BASTOS, José Romário Rodrigues Bastos. **Natureza, tempo e técnica: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE. 2013; CARVALHO, Antonio Victor Almada. **O Legado Educacional do professor Dias da Rocha e sua contribuição ao acervo do Museu do Ceará**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. 2013. CORREIA, André Brayan Lima Correia. "**O Ceará é uma Terra Condenada Mais Pela Tirania dos Governos do que Pela Inclemência da Natureza**": Aspectos Biopolíticos nas Obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE. 2016; FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Enxadas e compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915- 1919)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA. 2019; LIRA NETO [João de Lira Cavalcante Neto]. **O Poder e a Peste**. Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 1999; OLIVEIRA, Antonio José Alves de. **João da Silva Feijó e os dilatados sertões: Pensamento científico e representações do mundo natural na Capitania do Ceará (1799-1816)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC. 2014; MOREIRA, Paulo Ítalo. **As Viagens Naturalistas de Antônio Bezerra de Menezes e as Ciências Naturais no Ceará no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. 2016; RIOS, Renato de Mesquita. Dissertação: "**João Brígido e sua Escrita de uma História para o Ceará: Narrativa, Identidade e Estilo (1859-1919)**". Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE, 2013; SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997; TELLES, Felipe Bottona da Silva & BORGES-NOJOSA, Diva Maria. **A coleção Dias da Rocha no museu do Ceará**. Fortaleza: *Museu do Ceará*, 2009.

de suas virtudes epistêmicas,³⁹ dada a miríade de dificuldades enfrentadas por esses intelectuais/cientistas.

Já no segundo grupo,⁴⁰ caracterizado pelo estudo de instituições e atividades científicas específicas, a virtude epistêmica deixa de ser identificada como aspecto

³⁹ Segundo João Ohara, há duas variantes para o conceito de virtudes epistêmicas: a primeira que se apresenta como uma faculdade cognitiva confiável, “tal que seu exercício seja condutivo à verdade” e a segunda variante que afirma que virtude epistêmica “é traço de caráter ou disposição que um agente epistemicamente responsável possuiria ou demonstraria ao produzir conhecimento”. Ver: OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes Epistêmicas na Prática do Historiador: o caso da sensibilidade histórica*. In: **História da Historiografia**. 2016. Vol. 22. p. 172. Ainda sobre esse conceito de virtudes epistêmicas na produção historiográfica brasileira, OHARA, João escreveu, “The Disciplined Historian: “Epistemic Virtue”, “Scholarly Persona”, and practices of subjectivation. A proposal for the study of Brazilian professional historiography.” In: **Práticas da História**, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past 1, n.º 2. 2016. p. 39-56. Para a compreensão geral da chamada virtude epistêmica no campo historiográfico, ver: PAUL, Herman. “Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues.” In: **History & Theory** 50, n. 1. 2011. pp. 1-19; DASTON, Lorraine & GALISON, Peter. **Objectivity**. New York: Zone Books. 2010.

⁴⁰ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, 2006; ALVES, Cláudio José. **Ciência e arte em José dos Reis Carvalho**: a pintura na Comissão Científica de Exploração do Ceará (1859-1861). Dissertação (Mestrado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006; BRAGA, [Raimundo] Renato de Almeida. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária do Ceará, 1962; CAVALCANTE, Francisca Hisllya Bandeira. “**O Brasil é o Ceará**”: as Notas de Viagem de Freire Alemão e Capanema e suas Impressões Sobre o Ceará (1859-1861)”. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2012; CAVALCANTE, Diego Estevam. **A planta e o tempo**: ciência, técnica, natureza e progresso nos impérios da botânica. Ceará – Brasil – Portugal (Séculos XVIII e XIX). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. 2018; *CORDEIRO, Celeste. Antigos e modernos no Ceará provincial*. São Paulo: Annablume, 1997; *EISENSTAEDT, Jean. The Curious History of Relativity: How Einstein's Theory of Gravity Was Lost and Found Again*. New Jersey: Princetion University Press, 2006; FONSECA, Jamilly Marciano. *Raça, Natureza e Sociedade*: o pensamento evolucionista em Fortaleza na década de 1880. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2015; *KURY, Lorelai Brilhante (Org.). Comissão Científica do Império: 1859-1861*. Rio de Janeiro: Editora Andrea Jakobson. Studio, 2009; HOLANDA, Cristina Rodrigues. **A Construção do templo da história, Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE. 2004; MENDES, Alberto Rafael Ribeiro Mendes. *Pecuária semi-selvagem: ciência, natureza e tempo no Ceará do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2017; MIRANDA, Clarissa Franco de. **A serviço da ciência**: a fotografia como instrumento da pesquisa científica na expedição Thayer (1865 – 1866). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2017; MONTEIRO, Nívia Marques. **Joaquim Catunda e a recepção do debate evolutivo na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2014; MOREIRA, Ildeu de Castro & VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. **Einstein e o Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1995; MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Einstein**: de Sobral para o Mundo. Sobral-CE: Universidade do Vale do Acaraú - UVA. 2003; OLIVEIRA, Ana Amelia Rodrigues de. **Juntar, Separar, Mostrar**: memória e escrita da história no Museu do Ceará (1932 - 1976). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2008; OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará**: Memória, representações e pensamento social (1887-1914) Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001; PINHEIRO, Rachel. **As Histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema**. Dissertação (mestrado em Geociências). Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2002; PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Comissão das Borboletas**: a ciência do Império entre o Ceará e a Corte (1856-1867). Fortaleza-CE, Museu do Ceará / Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – Secult, 2003; _____. **Os ziguezagues do Dr. Capanema**: ciência, cultura e política no século XIX. Fortaleza-CE: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Secult, 2006; PANG, Alex Soojung-Kim. **Empire and the Sun**. Victorian solar eclipse expeditions. Stanford: Stanford University Press, 2002; RIOS, Kênia Sousa. A

inerente a um único sujeito e passa a ser identificada dentro de um enquadramento mais amplo e diversificado de pesquisas que abordam desde a botânica do século XVIII, passando pela pecuária rudimentar, envolvendo uso das fotografias utilizadas pelo naturalista Louis Agassiz em sua viagem exploratória que pretendia negar a teoria da evolução de Charles Darwin, até a fundação do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Nesse agrupamento observamos pesquisas sobre os objetos que foram coletados pelo fundador do Museu Rocha (Francisco Dias da Rocha, 1869-1960), assim como sobre a criação do Museu do Ceará no século XX. Pesquisas sobre o naturalista Feijó são abundantes nesse grupo, juntamente com estudos sobre a Comissão Científica de Exploração e algumas outras sobre o eclipse solar de 1919, que permitiu a comprovação da teoria da relatividade, a partir do Ceará, pelo grupo de cientistas incumbido dessa missão.

Após essa grande visão geral sobre as produções que tematizam a história das ciências no Ceará, faz-se necessário salientarmos que dentro da concepção usual que entende a ciência como uma realização de grandes feitos, realizados por grandes homens, três momentos ganham destaque: a chegada ao Ceará de João da Silva Feijó, o naturalista Feijó; e o desenvolvimento das suas atividades científicas, com destaque à mineração. Na sequência, notam-se as atividades de pesquisa desenvolvidas no Ceará e nas províncias limítrofes feitas pela Comissão Científica de Exploração. Por último, as atividades que buscavam comprovar a teoria da relatividade geral, inclusive, bem-sucedidas após a obtenção de dados empíricos durante a observação do eclipse solar de 1919, em Sobral, região norte do Ceará.

Dentro de uma concepção tradicional de história e de ciência, os três momentos científicos acima mencionados seriam os únicos aptos a figurar na restrita lista de

ciência e a água: uma leitura a partir do registro de cientistas e viajantes sobre a água no Ceará (século XIX). In: **Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: UFSC/UFES, 2015; RODRIGUES, Joyce Mota. **Entre telescópios e potes de barro**: O eclipse solar e as expedições científicas em 1919/Sobral-CE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2012; SANTOS, Paulo César dos. **O Ceará investigado**: a Comissão Científica de 1859. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2011; ____ **Produtos da terra**: tempo, espaço e técnica nas exposições industriais (1861-1922). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2016; SILVA, Clarete Paranhos da. **Garimpendo Memórias**: as ciências mineralógicas e geológicas no Brasil na transição do século XVIII para o XIX. Tese (Doutorado em Geociências). Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004; SILVA, José Filipe Oliveira da. **A árvore da vida: ciência, natureza e tempo nos estudos sobre a carnaúba no Ceará Oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2017; VELOSO JÚNIOR. Crenivaldo Regis. **Os "curiosos da natureza"**: Freire-Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2013.

atividades científicas que foram efetivadas em solo cearense. Dessa forma, valoriza-se o entendimento que compreende a história das ciências como a grande ação, dos grandes homens detentores da verdadeira racionalidade e detentores da autêntica técnica (virtudes epistêmicas) que, além de explicarem e transformarem a realidade, impactam e repercutem suas ideias na economia, na política e na sociedade de modo geral. Não é por acaso que a tríade atribuída dos grandes feitos das ciências no Ceará é constituída por uma atividade científica do século XVIII, uma do século XIX e outra do século XX. Subjaz na seleção a ideia de evolução e aprimoramento. Nessa lógica, o naturalista Feijó, no Ceará do século XVIII, seria uma espécie de *self made man*, um único homem cujos interesses e ações foram capazes de determinar o sucesso de sua empreitada. A importância de seus feitos, contudo, seria apenas de alcance local. Por sua vez, o conjunto de pesquisas efetivado pela Comissão Científica de Exploração, no Ceará do século XIX, superaria o localismo. Constituída por homens de ciências residentes na Corte e enviados ao Ceará por ordem do Imperador, independentemente das práticas realizadas nas suas cinco seções e pelos seus respectivos chefes e muitos auxiliares, sua importância seria, evidentemente, de interesse nacional.

Finalmente, a comprovação da teoria da relatividade geral mediante o trabalho conjunto de pesquisadores brasileiros, em parceria com pesquisadores norte-americanos e ingleses, efetivada em solo cearense no século XX, configurou esse projeto como sendo um exemplo de parceria entre diferentes grupos de pesquisas de diferentes nacionalidades, com um objetivo único. Um autêntico exemplo de cooperação científica internacional que, por sua composição e pelos resultados obtidos, só poderia ser caracterizada como uma pesquisa científica de interesse internacional.

Três séculos distintos, com três atividades científicas bem delimitadas que em comum compartilham e reproduzem a concepção de que a ciência é uma produção que só pode ser externa ao Ceará e que, quando observada em funcionamento nessa porção do Brasil, é porque foi conduzida por interesses e personagens externos à/ao província/estado do Ceará. Nessa lógica, a relevância da ciência se dá eminentemente por fatores externos ao estado, seja pela própria virtude epistêmica dos intelectuais/cientistas que protagonizam os feitos científicos ou pelo interesse dos poderes instituídos (governos ou instituições científicas).

A partir do exposto, interrogamos: seriam esses os únicos e autênticos interesses da história das ciências no Ceará? Antes, durante e depois de cada um desses marcos referenciais não ocorreu nenhuma outra prática científica digna de estudo? Como estudar

e pesquisar as eventuais ações e/ou produções científicas que apresentam características distintas às mencionadas? É possível uma outra história das ciências com ênfase em atividades e sujeitos diversos?

Depois de identificarmos as produções de história do Ceará e as pesquisas que se debruçam sobre a história das ciências neste local, nos inquieta o fato de a experiência histórica do Dr. Alves Ribeiro como cientista, criador e mantenedor do Gabinete de História Natural – o primeiro museu instituído na cidade de Fortaleza, capital do Ceará – não ter recebido atenção necessária dos pesquisadores dentro e fora do Ceará. Mesmo tendo o museu e o seu criador participado de ações com alcance e repercussão local, regional, nacional e internacional durante do século XIX, o silêncio e o desconhecimento grassam de forma quase absoluta sobre eles. Talvez possamos encontrar pistas para compreender como e por que se operou esse silêncio que se arrasta desde a segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX.

1.4. Uma historiografia das ciências no Brasil⁴¹

Em 1956 o sociólogo mineiro radicado em São Paulo, Fernando de Azevedo,⁴² publicou o livro *As Ciências no Brasil*,⁴³ fruto de uma encomenda feita pela fundação Larragoiti, instituição criada em 1950 pela Sul América Companhia de Seguros de Vida (SulAmérica). A obra de Fernando de Azevedo foi o terceiro livro publicado por essa fundação. A primeira publicação foi *As artes plásticas no Brasil*, de Rodrigo Melo Franco de Andrade; a segunda, *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho; a quarta e última obra impressa foi *A Medicina no Brasil*, que ficou sob a responsabilidade de Leonildo Ribeiro, médico e diretor da fundação Larragoiti.⁴⁴ Vale ressaltar que o nome da função era uma

⁴¹ Optamos por selecionar as obras que tratam da história das ciências no sentido *lato*, possibilitando, dessa maneira, uma maior aproximação com as ciências denominadas de humanas. Dito isso, não contemplados aqui as produções que abordam especificamente a história da ciência das chamadas ciências exatas *tout court*: Física, Química, Matemática. Nossa delimitação temporal abrange a segunda metade do século XX, focando nos trabalhos que julgamos paradigmáticos e que inspiraram diversos outros trabalhos subsequentes.

⁴² Para uma compreensão mais ampla da vida e da obra de Azevedo, Ver: GOMES, Wilson de Sousa. **Fernando de Azevedo e a História a partir d' A Cultura Brasileira**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás. Goiânia-GO, 2021.

⁴³ Em 1943, Fernando de Azevedo escreveu *A Cultura Brasileira* (3 volumes), obra essa em que o autor já havia feito observações concernentes as ciências no Brasil, algumas dessas considerações retomadas para o novo livro de 1956.

⁴⁴ OLIVEIRA, Raiany Souza de. *As Ciências no Brasil (1956): história e historiografia*. In: BENTIVOGLIO, Júlio; *et ali*. [9º] **Seminário Brasileiro de História e Historiografia**: o historiador brasileiro e seus públicos. Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. p. 496.

homenagem da família controladora da empresa ao seu criador e patrono da família: *Dom Joaquim Sanchez de Larragoiti Lucas*.⁴⁵

Percebe-se claramente que o livro de Fernando de Azevedo e as demais obras publicadas sob a mesma rubrica não eram apenas simples obras publicadas em mais uma das tantas coleções editoriais em voga no Brasil motivadas pelo boom editorial dos anos 1940 e 1950. Ao selecionar autores consagrados e reconhecidos em suas respectivas áreas, o objetivo era a constituição de uma obra de referência, uma obra de síntese que orientasse os seus leitores para o que havia de mais característico do avanço cultural e científico na época. Imbuído desse espírito, Fernando de Azevedo organizou uma obra coletiva, em dois volumes, com 14 capítulos,⁴⁶ onde afirmou que as ciências no Brasil, seguindo todas as exigências científicas, são fruto exclusivo da Universidade de São Paulo – USP, fundada na capital paulista em 1934. Faz-se necessário ressaltar que Azevedo foi um dos educadores que participou do movimento de criação da USP e não é de estranhar que defendesse tal entendimento.

*Uma reposta mais assertiva para a proposição que determinou o início da ciência no Brasil com a fundação da USP veio a lume 21 anos depois com a pesquisadora brasileira Nancy Leys Stepan, que publicou em 1976 o livro: *Beggings of Brazilian Science: Oswaldo Cruz, medical research and policy 1890-1920*.⁴⁷ Nesta obra, a autora assevera que a ciência no Brasil teve início no século XX, mas não com a criação da USP, como afirmou Fernando de Azevedo. Para Nancy Stepan a criação do Instituto Soroterápico Federal⁴⁸ foi o início da ciência de matriz acadêmica no Brasil. Não por acaso a própria Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, se empenhou em providenciar a tradução e a divulgação do livro de Stepan em terras brasileiras, ainda em 1976, com o*

⁴⁵ Ver: <<https://portal.sulamericaseguros.com.br/institucional/sobre-a-sulamerica/historia/>>. Consultado em 12/03/2021. No final de fevereiro de 2022, foi anunciado que o grupo *D'Or* realizou a aquisição da Sul América, Ver: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/02/23/rede-dor-compra-sul-america.ghtml>> consultado em 27/01/2022.

⁴⁶ Os capítulos do livro abordam: “A Matemática no Brasil”; “A Astronomia no Brasil”; “A Física no Brasil”; “A Meteorologia no Brasil”; “A Geologia e a Paleontologia no Brasil”; “A Mineralogia e a Petrografia no Brasil”; “A Geografia no Brasil”; “A Química no Brasil”; “A Zoologia no Brasil”; “A Botânica no Brasil”; “A Biologia no Brasil”; “A Psicologia no Brasil”; “A Economia Política no Brasil”; “A Antropologia e a Sociologia no Brasil”.

⁴⁷ STEPAN, Nancy Leys. **Beginnings of Brazilian Science**: Oswaldo Cruz, Medical Research and Policy, 1890–1920. New York: Science History Publications, 1976.

⁴⁸ Criado em 25 de maio de 1900 como Instituto Soroterápico Federal; em 12 de dezembro de 1907 mudou a sua denominação para Patologia Experimental de Manguinhos; Nova mudança de nome em 19 de março de 1918 em homenagem à Oswaldo Cruz passando a se chamar Instituto Oswaldo Cruz e em maio de 1970 tornou-se Fundação Oswaldo Cruz. Ver: <<https://portal.fiocruz.br/historia>> Consultado em 18/02/2022.

título *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*⁴⁹.

Na sequência, em 1978, o doutor em sociologia e, posteriormente, professor de história José Murilo de Carvalho publicou uma obra bastante significativa, *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*.⁵⁰ O grande mérito do livro de José Murilo é sair dos limites do século XX e lançar luzes em uma atividade científica ocorrida na segunda metade do século XIX e além do eixo Rio-São Paulo. Dessa maneira, os espaços de atuação das atividades científicas no Brasil passaram a englobar, nos trabalhos acadêmico-científicos, a tríade Minas-Rio-São Paulo. Vale ressaltar que, nessa obra, o jovem autor que ganharia projeção e notoriedade entre os historiadores brasileiros na década de 1980 era ainda um recém doutor em ciências políticas com uma tese defendida na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, em 1974, sobre a “Elite e a construção do Estado no Brasil imperial”,⁵¹ tendo sido convidado pelo colega sociólogo Simon Schwartzman, que coordenava à época um projeto de pesquisa da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep,⁵² sobre a história das ciências no Brasil, obra que registraria as “glórias” da tradicional escola mineira.

⁴⁹ STEPAN, Nancy Leys, **Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica**. Rio de Janeiro: Artenova / Fundação Oswaldo Cruz, 1976. Em um artigo sobre a produção da professora aposentada de Columbia University, Simone Petraglia Kropf e Gilberto Hochman atestam que o livro foi publicado em língua portuguesa no mesmo ano de publicação do original em inglês, com omissões de notas e da bibliografia original. Ver: KROPF, Simone Petraglia & HOCHMAN, Gilberto. From the Beginnings: Debates on the History of Science in Brazil. In: **Hispanic American Historical Review**. 91 (3), 2011. p. 391.

⁵⁰ CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória**. Rio de Janeiro: FINEP/Cia Editora Nacional, 1978. Interessante observamos que 37 anos antes da fundação da Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 12 de outubro de 1876, foi criada a Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 04 de abril de 1839. José Murilo de Carvalho optou por exaltar as “glórias” da Escola de Minas e nada falou sobre a Escola de Farmácia, a mais antiga instituição de ensino superior de Minas Gerais.

⁵¹ Título original em inglês: *Elite and state-building in imperial Brazil*. No Brasil, a Tese de Doutorado de José Murilo de Carvalho foi publicada, inicialmente, de forma separada em dois livros: **A Construção da Ordem: A elite política imperial**. Rio de Janeiro/Brasília: Ed. Campus/Ed. da Universidade de Brasília, 1980; **Teatro de Sombras: A política imperial**. São Paulo/Rio de Janeiro: Vértice/Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. 1988.

⁵² Segundo os pesquisadores Pirró e Longo & Derenusson, em 1965 foi criado o FINEP - Fundo de Financiamento de Estudos e Projetos e Programas, “de fundo contábil e dirigido por um Junta Coordenadora, sua finalidade era prover recursos para financiar a elaboração de estudos de viabilidade de programas e propostas de investimentos.” Todavia, em 1967 foi criada a FINEP - Financiadora de estudos e Projetos, empresa do setor público, que sucedeu ao fundo [criado dos anos antes em 1965] assumindo seus direitos e obrigações, devendo ainda avaliar a viabilidade de projetos de investimento para o Ministério do Planejamento.” PIRRÓ e LONGO, Waldir & DERENUSSON, Maria Sylvia. FNDCT, 40 anos. In: **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro (RJ), 8 (2), julho/dezembro 2009. p.517. Para a relação entre a Finep e o BNDE, Ver: BERNARDINO JÚNIOR, Claudio. **Inovações ou cópias? Gambiarras brasileiras no desenvolvimento tecnológico em informática (1975-1984)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. pp.60-64.

Logo em seguida foi publicada mais uma obra versando sobre a história das ciências no Brasil. Simon Schwartzman publicou, em 1979, o livro *Formação da comunidade científica no Brasil*.⁵³ Encomendado pela Finep, agência estatal brasileira voltada a apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico, a obra contou com a consultoria do sociólogo Joseph Ben-David.⁵⁴ E, segundo Marcia Regina Silva, o autor brasileiro em questão “trabalhou a partir também de uma sociologia funcionalista derivada essencialmente de Robert Merton e Thomas Kuhn”.⁵⁵

Diferente de seus antecessores, o autor não estava preocupado em determinar onde o verdadeiro conhecimento de matriz científica (entenda-se lógico, racional, pragmático e europeu) “nasceu ou foi gestado no país”. Nesse projeto, o autor teve mais liberdade para desenvolver uma certa visão geral e abordar o que ele denominou de “herança do século XVIII”,⁵⁶ apresentando com mais acuidade as atividades científicas no século XIX, com ênfase nos naturalistas; educação superior; engenharia e mineração; medicina e cirurgia. O livro de Schwartzman chamou atenção para práticas científicas até então desconsideradas.

*Os anos finais da década de 1970 foram um período muito profícuo para o desenvolvimento do saber histórico no país⁵⁷ e para o desenvolvimento da história das ciências no Brasil. Além das obras de Nancy Stepan, José Murilo de Carvalho e Simon Schwartzman, veio a lume a publicação de uma coletânea sobre a temática científica. Com o título *História das Ciências no Brasil*, Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama organizaram uma obra em três volumes, impressos respectivamente em 1979, 1980 e 1981. A coletânea foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, em estreita parceria com Editora Pedagógica Universitária – EPU.*

⁵³ SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: FINEP/Cia. Editora Nacional, 1979. Em 2015, o livro teve a sua 4ª edição, e foi publicado com um outro título: *Um espaço para a ciência e a formação da comunidade científica no Brasil*. Dessa forma, a publicação em língua portuguesa passou a ter o mesmo título da obra em língua inglesa.

⁵⁴ EDLER, Flávio Coelho. A História das ciências e seus públicos. In: [Revista] **Maracanã**, n. 13, Dezembro de 2015, p. 29. <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20118>> Consultado em 23/10/2019.

⁵⁵ SILVA, Márcia Regina Barros da. História e Historiografia das ciências latino-americanas: Revista *Quipu* (1984-2000) In: **Revista Brasileira de História das Ciências**. V. 7, 2014. p. 49. Disponível em: <<https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/231/183>> Consultado em 28/04/2020.

⁵⁶ Aqui, Schwartzman apenas reproduz a ideia de “herança do século XVIII” forjada e divulgada por Fernando de Azevedo para justificar o atraso científico brasileiro.

⁵⁷ FREIRE, Diego José Fernandes. **O passado da História: os historiadores e as historiadoras da Universidade de São Paulo e a historiografia brasileira na década de 1970**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2020.

Posto esse cenário, abrimos um rápido parêntese para mencionarmos a pesquisa realizada pela professora Margarida de Souza Neves, publicizada em 1986, sob o título: As Vitrines do Progresso⁵⁸ que, além do financiamento usual da FINEP, foi apoiada pelo CNPq e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio, esta última, instituição de vinculação da professora. Neste texto, Margarida Neves chama atenção para a importância das Exposições Universais como autênticas arenas de influência política, econômica e cultural em que os países participantes deveriam se mostrar e apresentar no “concerto das nações” por meio do que melhor tinham em termos de técnica, de objetos e da sua produção industrial, científica e tecnológica.

Mesmo não tendo sido publicada em formato de livro, a pesquisa de Margarida Neves circulou entre os seus pares dentro da comunidade científica das ciências humanas no Brasil. Assim, de forma pioneira, apontou aos pesquisadores a cultura material e as exposições como importantes arenas de atuação social e científica do Brasil (mas não só) nos séculos XIX e XX.

*Na década de 1990, Lilia Katri Moritz Schwarcz defendeu sua tese de doutorado no curso de antropologia da Universidade de São Paulo, originando o livro: O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930).⁵⁹ Nesta obra, a autora focaliza os discursos e práticas científicas desenvolvidos nas instituições onde a ciência era praticada no Brasil. O recorte institucional da autora é formado por institutos históricos, instituições médicas, escolas de direito e museus de história natural. Ao observar as tensões e contradições existentes nas práticas constituintes de cada uma dessas “áreas” de atuação, a partir das instituições investigadas, a autora mostra como a ciência praticada estava permeada por *aprioris*, ideias preconcebidas e preconceitos, que manifestavam, entre outros problemas, um enorme fosso social e racial entre o povo e os “homens de letras e ciência”.*

Faz-se necessário salientar que nesta obra, Lilia Schwarcz insere os museus de história natural e a cultura material na dinâmica de produção, divulgação e circulação de saberes científicos, algo até então feito de forma tímida pelos pesquisadores que a antecederam. Mas se por um lado ela inclui, por outro, ela o faz com reservas, pois ao estudar os museus de história natural, centrou-se apenas no Museu Nacional, no Museu Paulista e no Museu Paraense Emilio Goeldi.

⁵⁸ NEVES, Margarida. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq, 1986.

⁵⁹ SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Já na segunda metade dos anos 1990 chegou aos leitores o livro de Maria Margaret Lopes, intitulado *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX*,⁶⁰ fruto do seu doutoramento em história, com ênfase em história das ciências, na Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes. Neste livro, Margaret Lopes é peremptória ao afirmar que antes das universidades e dos laboratórios, era nos museus de história natural que a ciência era realizada no Brasil ao longo do século XIX. Além de recuar temporalmente, “ao início da ciência no Brasil no século XIX”, a autora ainda demarcou especificamente os museus de história natural, que até então recebiam pouca ou nenhuma atenção por parte dos historiadores das ciências no Brasil, como *locus* por excelência de práticas científicas.

Ao longo do texto, Margaret Lopes analisa a criação, a constituição de acervos e as atividades científicas efetivadas por cinco museus: Museu Nacional, Museu do Ipiranga (Paulista), Museu do Paraná (Museu Paranaense) e o Museu Paraense Emilio Goeldi. Três museus no eixo sul e um do norte do país. Se, como sustenta a autora, a ciência em território brasileiro teve início e foi praticada nos museus de história natural, seriam os museus que ela estudou os únicos existentes até então? Ou haveria a possibilidade de existirem outros museus, em outros espaços nos quais se praticava ciência no Brasil e que apenas não foram estudados?

Antes de concluirmos esse arrolamento de autores e obras, faz-se necessário abordarmos o livro *Espaços da Ciência no Brasil*, obra organizada por Maria Amélia Mascarenhas Dantes e publicada pela editora da Fiocruz em 2001.⁶¹ No livro, que contempla o período de 1800 até 1930, constam diversos artigos que tratam de diferentes instituições científicas, como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Jardim Botânico e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – SAIN. Se o recuo temporal até o início do século XIX está totalmente contemplado na obra, todavia, a amplitude dos “espaços científicos” foi restrita ao tradicional binômio regional Rio de Janeiro/São Paulo. Ou seja, mesmo ampliando o escopo da pesquisa para o século XIX, o faz limitando-se aos mesmos espaços abordados por outras pesquisas anteriormente, ratificando como “mais relevantes” os sujeitos, instituições e práticas científicas dos grandes centros econômicos, políticos e urbanos do Brasil. Com efeito, mais uma vez, o

⁶⁰ LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. Editora Hucitec, 1997.

⁶¹ DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

lento processo de crescimento e ampliação das atividades científicas desenvolvidas até a publicação da obra de Margaret Lopes foram desconsiderados por sua orientadora, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, em um explícito processo de involução.

Uma eventual explicação para a não incorporação de outros “espaços científicos” no livro, passa pelas limitações impostas pela editora. Seguramente não seria possível inserir todas as instituições que desenvolveram práticas científicas no Brasil ao longo de 130 anos. Ao observarmos o currículo da professora e pesquisadora Maria Amélia Dantes,⁶² uma das principais pesquisadoras dessa temática no Brasil e na América Latina, percebemos que ela orientou trabalhos na pós-graduação do curso de História da USP, além de ter participado de diversas bancas de mestrado e doutorado de trabalhos que apresentavam objetos de pesquisa situados no Acre, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, por exemplo. Contudo, no livro *Espaços da Ciência no Brasil*, essa “ampla realidade brasileira” não foi abordada. Tal problema seria plenamente solucionado se ao invés de apenas um volume a professora tivesse publicado dois ou três, reservando para os volumes subsequentes um enfoque adequado para essas “outras realidades” não contempladas no volume único publicado em 2001.

Após essa apresentação, fica evidente uma historiografia da ciência com ênfase nas obras e nos autores mais voltados ou relacionados aos estudos dos museus de história natural no país, cuja orientação demonstra uma valoração das atividades desenvolvidas na área meridional do Brasil. Notamos ainda que a produção analisada busca legitimar as ações realizadas quase que exclusivamente no tripé Minas – Rio – São Paulo, abarcando com menor ênfase Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX e com maior ênfase o Rio de Janeiro no século XIX e São Paulo no século XX. O resultado é a exclusão dos demais espaços constituintes do país, como Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste na feitura da “genealogia do saber nacional”. O que induz, no leitor, à compreensão de que se não está contemplado nesses trabalhos simplesmente é porque não existiu nenhuma atividade científica significativa nas demais área do Brasil.

No caso específico do Dr. Alves Ribeiro, a incapacidade dessa historiografia entender e lidar com práticas científicas de cunho “transnacional”⁶³ para além do

⁶² <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783109H0>> Consultado em 13/12/2020.

⁶³ Segundo Crawford, Shinn & Sörlin a ciência transnacional é “definida como atividades envolvendo pessoas, equipamentos ou fundos de mais de um país”. **No Original**: defined as activities involving persons, equipment or funds from more than one country. Ver: CRAWFORD, Elisabeth; SHINN, Terry; SÖRLIN, Sverker (Edts). **Denationalizing Science**: The Contexts of International Scientific Practice. Kluwer, Norwell, MA, 1993. p.4 (Sociology of the Sciences, vol. 16)

referencial europeu é bastante significativo em uma produção intelectual balizada apenas pelo referencial europeu de ciência e centrada na construção recorrente de mitos até mesmo na ciência brasileira.⁶⁴

Percebemos, dessa forma, que a produção historiográfica apresentada carrega em seu bojo elementos análogos ao que o historiador Manoel Salgado Guimarães criticou como sendo uma memória disciplinar:

(...) crença numa história que parece se confundir com o relato dos eventos passados, assegurando uma dose de naturalidade à tarefa de dar sentido às ações humanas, fez com que este passado viesse habitar os espaços do sagrado, preservado do exercício da crítica, construindo desta forma uma memória da disciplina.⁶⁵

Tomada em conjunto, essa produção é apresentada como uma memória não só disciplinar, mas totalmente disciplinada que só aceita uma determinada forma de ler, escrever e produzir a história excluindo outras formas e/ou possibilidades,⁶⁶ lastreando-se exclusivamente nos processos ditos de formação do Estado nacional com ênfase exacerbada nos aspectos econômicos e políticos que possibilitaram e ainda possibilitam a produção científica e didática efetivada pelas instituições oficiais do poder instituído, compartilhando e divulgando intensamente essa visão de mundo com as diversas áreas que constituem o país.

Como uma exemplificação interessante dos aspectos acima indicados, concernente à grande valorização da ação estatal na produção científica nacional e conseqüentemente a história das ciências do Brasil, temos as palavras de Margaret Lopes que, em um conhecido artigo de síntese, listou as seguintes instituições como as mais significativas: “Museus Nacional, Paulista, Goeldi, Botânico do Amazonas, Museu de Curitiba, o Observatório Nacional, os Jardins Botânicos do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belém do Pará, as Escolas de Engenharia e Medicina, de Minas de Outro Preto”.⁶⁷ Ao registrar os museus reconhecidos como espaços de produção de ciência no Brasil, a autora

⁶⁴ BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz**: a construção de um mito na ciência brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995. Apesar do título sugerir o contrário, a autora faz uma litura crítica lucida e profícua da do “mito” de Oswaldo Cruz.

⁶⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. p. 10.

⁶⁶ TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. In: **História da Historiografia**, Ouro Preto-MG v. 2, 2009. pp.79-80 Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/4>> Consultado em 07/01/2019.

⁶⁷ LOPES, Maria Margaret. As ciências Naturais no século XIX: já não tão nova visões historiográficas. In: ARAUJO, Valdeci Lopes de., *et al.* **A Dinâmica do Historicismo**: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte-MG: Argumentum. 2008. pp. 199-200.

completa sua lista com mais instituições cuja finalidade maior é idêntica: “Institutos Agrônômico de Campinas, Biológico de São Paulo, Manguinhos, Comissão Científica de Exploração, Imperial Instituto Fluminense de Agricultura”.⁶⁸ Objetos de um grande número de pesquisas desde 1980, todas as instituições listadas compartilham quatro aspectos ou características:

- 1- A quase totalidade dessas instituições científicas estão localizadas na atual região Sudeste – anteriormente parte da região Sul do país.
- 2- Esses centros de ciência foram criados, organizados ou geridos por profissionais qualificados dentro da “tradição científica europeia” e/ou tiveram suas atividades ou ações reconhecidas dentro dessa tradição.
- 3- Todas as Instituições são oficiais, estabelecidas, financiadas e vinculadas ao poder público vigente e às custas do erário público, seja ele imperial/provincial ou federal/estadual.
- 4- Tanto as entidades quanto os seus agentes acreditavam que como continuadores privilegiados da ciência europeia, faziam uma ciência universal e neutra

Nesse enquadramento, o que se entende por *ciência* é a atividade feita por um determinado grupo de homens com formação e/ou experiência lastreada na “tradição europeia”, ligados ou subordinados ao Estado e que atuam em uma instituição oficial capaz de oferecer condições materiais e simbólicas para justificar o pleno desenvolvimento de suas atividades. Ao comentar as coleções oficiais dos museus e demais espaços de estudo e pesquisa, Margaret Lopes demonstra estar ciente da grande importância sociopolítica e do amplo poder estatal nesse setor, pois afirmou: “O Estado, ao revelar a ordem da natureza, se tornava parte dessa ordem natural. Ordenar era função dos administradores, curadores, professores, médicos, anatomistas, cientistas...”.⁶⁹

No Brasil, fica claro que o elemento de maior peso e densidade para caracterizar a ciência, segundo a produção acadêmica feita pelos historiadores da área, foi e continua a ser a identificação do financiamento estatal, seja ele no regime político Colonial, Imperial ou Republicano, que ainda assim pretendia realizar uma ciência “universal e neutra”⁷⁰ nos mesmos moldes praticados pela rica tradição europeia. Outrossim, a ciência e os

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Sobre a pretensa universalidade e neutralidade da ciência, Ver: MARQUES, Ivan da Costa. *Ontological Politics and Latin American Local Knowledges*. In: MEDINA, Eden; MARQUES, Ivan da Costa; HOLMES, Christina. **Beyond imported magic: essays on science, technology, and society in Latin America**. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. p. 87.

cientistas só podem ser pensados como uma concessão direta ou indireta da Razão de Estado, servindo submissamente às razões e às “desrazões” do seu respectivo regime político. Dessa maneira, temos literalmente a legitimação da *A Utopia Burocrática*,⁷¹ neste caso específico a burocracia científica. Mas fica a pergunta: diacronicamente pensando, só houve ciência financiada pelo Estado? Os pesquisadores ou cientistas individuais – com ou sem formação científica, que não tinham vínculos diretos com o Estado ou com instituições oficiais, que pagavam todos os custos de suas atividades, que mantinham comunicação e trocas com outros cientistas dentro e fora do Brasil – não poderiam fazer ciência? A ação estatal é condição *sine qua non* para a existência de ciência?

Outro aspecto estruturante da produção historiográfica brasileira sobre história das ciências é a mobilização, às vezes explícita, às vezes implícita, da dita virtude epistêmica.⁷² Essa postura legitima a importância de certas produções e espaços científicos que, por sua vez, são tomados como representativos da nação. Portanto, ao falar dessas práticas e desses espaços, fala-se, por metonímia, de Brasil, consubstanciando a ideia equivocada de que se houve ciência no Brasil dos séculos XVIII, XIX ou XX, foi, necessariamente, nos lugares e nos moldes apresentados pela historiografia dominante.

Cientes de tal situação, faz-se necessário indagar como praticar outras formas de entender e escrever a história das ciências no Brasil, para além da “memória disciplinar”, de modo que se incorporem as muitas experiências das diversas realidades do país. Tal problematização faz-se necessária, pois ela é ainda feita de forma incipiente por alguns poucos pesquisadores da área. Moema Vergara, por exemplo, que, posiciona-se nesse sentido ao concluir a resenha do livro *Espaços da Ciência no Brasil*, onde lançou o seguinte questionamento: “Mas ainda fica o desafio: é possível fazer uma história das ciências no Brasil fora das instituições?”⁷³

Ampliando o questionamento de Vergara, problematizamos: é possível fazermos história das ciências no Brasil que inclua uma multiplicidade de tempos, espaços, sujeitos e experiências? Mais especificamente, é possível fazer história das ciências no Brasil que absorve e apresente o Norte, o Nordeste, o Sul e o Centro-oeste do país apresentado alternativas para a atual escrita da história centrada nos pares antitéticos

⁷¹ Uma referência direta a obra literária que tece uma interessante crítica a burocracia estatal. Ver: JACOB, Dionísio. *A Utopia Burocrática de Máximo Modesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁷² Ver nota de rodapé n. 39. sobre a alegada “virtude epistêmica”

⁷³ VERGARA, Moema de Rezende. Resenha do livro *Espaços da Ciências no Brasil*. In: *Revista da SBHC*. Nº I/2003. p. 81.

“centro/periférica”, “desenvolvido/não desenvolvido”, “verdadeiro/falso”, “presença/ausência”?

A manutenção desse enquadramento nada mais é do que a reprodução, dentro das fronteiras nacionais, de uma ação prática desenvolvida pelas potências científicas internacionais para legitimar o desnível existente entre os interesses políticos/econômicos das nações que produzem ciências para o convencimento das nações que consomem ciência.

Questões como essa são boas para pensar, assim como a observação feita por Max Weber ao afirmar que “Com demasiada facilidade o historiador é dominado pela ideia de que a vitória dos elementos mais evoluídos seja evidente e que a derrota na luta pela existência seja sintoma de “atraso””.⁷⁴

⁷⁴ WEBER, Max [Maximilian Karl Emil Weber]. O Estado Nacional e a Política Econômica. In: COHN, Gabriel (Org.). **Max Weber**: sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p. 72.

